

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**FILIFE CARDOSO RODRIGUES**

**DESIGUALDADE RACIAL NOS COMANDOS DO FUTEBOL BRASILEIRO:**

Uma análise de discursos de personalidades do esporte.

Florianópolis

2022

Filipe Cardoso Rodrigues

**DESIGUALDADE RACIAL NOS COMANDOS DO FUTEBOL BRASILEIRO:**

Uma análise de discursos de personalidades do esporte.

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física – Bacharelado do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Educação Física.  
Orientador: Prof. Dr. Anderson Santiago Teixeira  
Coorientador: Prof. Érico Martins do Nascimento

Florianópolis

2022.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rodrigues, Filipe Cardoso

Desigualdade racial nos comandos do futebol brasileiro:  
: Uma análise de discursos de personalidades do esporte. /  
Filipe Cardoso Rodrigues ; orientador, Anderson Santiago  
Teixeira, coorientador, Érico Martins do Nascimento, 2022.  
72 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Negro. 3. Futebol. 4. Racismo. 5.  
Comando. I. Teixeira, Anderson Santiago. II. Nascimento,  
Érico Martins do. III. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Educação Física. IV. Título.

Filipe Cardoso Rodrigues  
**DESIGUALDADE RACIAL NOS COMANDOS DO FUTEBOL BRASILEIRO:**

Uma análise de discursos de personalidades do esporte.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Educação Física” e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 10,00.  
Florianópolis, 22 de julho de 2022.

**Banca Examinadora:**



Documento assinado digitalmente  
**Anderson Santiago Teixeira**  
Data: 28/07/2022 15:36:34-0300  
CPF: 070.344.579-05  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Prof. Dr. Anderson Santiago Teixeira**  
(Orientador)

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente  
**ERICO MARTINS DO NASCIMENTO**  
Data: 28/07/2022 17:14:48-0300  
CPF: 113.234.479-46  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Prof. Érico Martins do Nascimento**  
(Coorientador)

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente  
**Michele Caroline de Souza Ribas**  
Data: 28/07/2022 15:50:53-0300  
CPF: 013.989.660-02  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Prof. Dra. Michele Caroline de Souza Ribas**  
(Examinadora)

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente  
**JULIO CESAR COUTO DE SOUZA**  
Data: 28/07/2022 16:46:51-0300  
CPF: 472.376.510-72  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Prof. Me. Júlio César Couto de Souza**  
(Examinador)

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente  
**Emilio Ben Barreto Freire**  
Data: 28/07/2022 16:33:30-0300  
CPF: 012.646.209-77  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

**Prof. Emilio Ben Barreto Freire**  
(Suplente)

Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico este trabalho a todas as pessoas negras que um dia sonharam ou sonham em alcançar cargos de comando dentro e fora do futebol.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus. Sem Ele, não seria possível sair do interior do Rio Grande do Sul sem meus amigos e minha família, longe da minha zona de conforto, conseguindo chegar até aqui com saúde física e mental.

Agradeço minha rainha Rosilete que realizou esforços indescritíveis para me dar uma educação de qualidade e nunca deixou faltar nada na minha vida. Também é necessário enaltecer seu compromisso materno-paterno em razão do falecimento precoce de meu pai Rosemiro (*in memoriam*). Este, que mesmo não estando mais fisicamente presente entre nós há aproximadamente 17 anos, sempre se preocupou com meu bem-estar e me deu respaldo suficiente para nunca me deixar faltar nada até os dias de hoje. Pai, sei que de algum lugar aí em cima estás orgulhoso do homem que me tornei e da forma como sigo honrando teu nome.

Agradeço também a pessoa mais inspiradora e doce que conheci na vida: minha amada avó Diná. Toda sua preocupação e zelo fizeram muita diferença, principalmente quando se está a quase 1000 quilômetros distante da família.

Agradeço também minha companheira Alice que me acolheu, me deu amor, compreensão e tudo o que eu precisava para seguir no caminho certo. Tem sido incrível viver ao teu lado e partilhar meus dias contigo.

Agradeço meu orientador Anderson pelas cobranças, pelo esforço pessoal para contribuir com o crescimento de um trabalho que o tirou da sua área de estudo e pelas sugestões dadas em prol de enriquecer o trabalho e minha experiência como acadêmico. Agradeço também ao meu coorientador e amigo pessoal Érico, o qual sempre me auxiliou nos momentos que solicitei.

Importante agradecer todos os amigos e professores que enriqueceram e tornaram mais leve minha jornada acadêmica, ressalto aqui o NUPEDeff. Os amigos dos grupos “Assembleia”, “Ladaia”, “Sem Freio” e da “AEF – Ada Carina Maliceski” também merecem o meu “muito obrigado” por todo acolhimento, respeito, parceria e risadas. Aos demais familiares, amigos e todos aqueles que de algum modo contribuíram para a minha formação pessoal e acadêmica: vocês estão no meu coração e, mesmo sem citar todos aqui, valorizo cada um que já me fortaleceu.

Por fim, não há palavras que expressem a minha gratidão aos membros da banca Prof.<sup>a</sup> Michele, Prof. Júlio e Prof. Emilio pela disponibilidade, atenção e eventuais contribuições no trabalho.

*“Deixa eu devolver o orgulho do gueto, e dar outro sentido pra frase ‘tinha que ser preto’”.*

*(Leandro Roque de Oliveira – Emicida)*

## RESUMO

No Brasil, o futebol teve uma origem extremamente elitista e marcada pela exclusão de praticantes negros. Com o passar dos anos, se tornou um esporte popular e acabou cedendo aos atletas representantes do grupo antes excluído. O negro passou a ser visto como decente para o esporte, em razão de suas valências físicas e técnicas, tornando o futebol mais rentável. Entretanto, quando tratamos do cunho intelectual, o negro ainda parece ter pouca representatividade dentro do esporte. O objetivo deste estudo foi analisar e problematizar a baixa representatividade negra dentro dos cargos de comando no futebol brasileiro através da análise de discursos de personalidades do esporte. Para contemplar os objetivos do estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa visando identificar depoimentos e discursos de personalidades do meio do futebol a respeito de questões raciais. Os depoimentos escolhidos deveriam dissertar sobre a baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol e foram encontrados, majoritariamente, em sites de periódicos esportivos disponíveis na internet. Após a identificação, os depoimentos foram submetidos a uma análise de discursos buscando os prováveis fatores para essa baixa representatividade. O provável fator mais citado nos discursos analisados remete aos aspectos históricos e sociais. Também foram citados fatores como o preconceito racial, a baixa qualificação acadêmica e profissional de pessoas negras, além do sucesso esportivo prévio. A partir dos discursos apresentados no presente estudo, é possível concluir que a baixa representatividade negra nos cargos de comando do futebol brasileiro pode ser atribuída, em grande parte, aos problemas sociais e históricos do período pós-escravidão para os negros e ao preconceito racial ligado às características fenotípicas.

**Palavras-chave:** Racismo. Comando. Futebol Brasileiro.

## **ABSTRACT**

In Brazil, football has an extremely elitist origin, marked by the exclusion of black players. Over the years, it became a popular sport and ended up yielding to athletes representing the previously excluded group. Black players came to be seen as decent for the sport because of their physical and technical abilities, making football more profitable. However, when it comes to the intellectual aspect, Black players still seem to have a low representation within the sport. The objective of this study was to analyze and problematize the low black representativity in commanding positions in Brazilian football through the discourse analysis of sports personalities. In order to contemplate the objectives of the study, a qualitative research was carried out aiming to identify statements and speeches of football personalities regarding racial issues. The selected statements should dissertate on the low black representation in positions of command in football and were found mostly on websites of sports journals available on the Internet. After identified, the statements were submitted to a discourse analysis seeking the probable factors for this low representativity. The most likely factor mentioned in the speeches analysed refers to historical and social aspects. Also mentioned were factors such as racial prejudice, low academic and professional qualification of black people, in addition to previous sporting success. From the speeches presented in this study, it is possible to conclude that the low black representativeness in management positions in Brazilian football can be attributed, in large part, to social and historical problems of the post-slavery period for black people and to racial prejudice linked to phenotypic characteristics.

**Keywords:** Racism. Command. Brazilian football.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**AD** – Análise de discurso

**CAF** – *Confédération Africaine de Football* (Confederação Africana de Futebol)

**CBF** – Confederação Brasileira de Futebol

**EFL** – *English Football League* (Liga Inglesa de Futebol)

**FIFA** – *Fédération Internationale de Football Association* (Federação Internacional de Futebol)

**GE** – Globo Esporte

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**NFL** – *National Football League* (Liga de Futebol Americano)

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PNAD** – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>13</b> |
| 1.1 OBJETIVO GERAL .....   | 16        |
| 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....   | 16        |
| 1.3 JUSTIFICATIVA .....  | 16        |
| <b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....   | <b>18</b> |
| 2.1 O NEGRO NO BRASIL .....  | 18        |
| 2.2 O ATLETA NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO .....                                   | 22        |
| 2.3 REPRESENTATIVIDADE NEGRA EM CARGOS DE COMANDO NO FUTEBOL<br>BRASILEIRO ..... | 25        |
| 2.4 PANORAMA INTERNACIONAL DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO<br>FUTEBOL .....       | 28        |
| <b>3 MÉTODOS</b> .....   | <b>31</b> |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....   | 31        |
| 3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....   | 31        |
| 3.3 PROCEDIMENTOS.....   | 31        |
| 3.4 ANÁLISE DE DADOS .....   | 31        |
| <b>4 RESULTADOS</b> .....  | <b>34</b> |
| <b>5 DISCUSSÃO</b> .....   | <b>40</b> |
| <b>6 CONCLUSÃO</b> .....   | <b>58</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>59</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte considerado fenômeno mundial. E o Brasil, por ter conquistado cinco vezes a Copa do Mundo de Futebol e ser um celeiro de grandes craques da história do esporte, é conhecido mundialmente como um dos países do futebol. Entretanto, apesar da diversidade étnica dentro das quatro linhas que envolvem os gramados brasileiros, ainda não há uma pluralidade em relação aos responsáveis pelos cargos de comando no esporte. E essa falta de diversidade e pluralidade nas áreas que comandam o espetáculo futebolístico pode culminar em uma baixa representatividade negra em cargos superiores, limitando a pessoa negra apenas ao papel de “pé-de-obra”, o que coloca em xeque a ideia de *democracia racial* proposta por Gilberto Freyre (1933) e que muitos insistem em defender até os dias atuais.

No dia 13 de maio de 1888 foi oficialmente sancionada a Lei Áurea, a qual aboliu o sistema escravocrata no Brasil. Entretanto, não houve nenhuma medida efetiva que garantisse a inclusão de ex-escravos na sociedade brasileira (FILHO, 2010; MEDEIROS, 2019). Sendo assim, ideias de uma suposta supremacia racial começaram a ter lugar na sociedade. Essa supremacia racial foi traduzida em preconceito e exclusão social para com pessoas negras (SOUSA, 2008).

Em uma palestra para a série de conferências *Ted Talks* em 2017, a filósofa Djamila Ribeiro diz que:

[...] quando eu penso em pluralidades, a primeira coisa que vem em minha mente é a necessidade de rompermos os silêncios. E quando eu falo de “silêncio” eu não digo necessariamente a gente responder diretamente a alguém. Eu penso nos silêncios institucionais. A naturalização em relação às mortes de corpos negros. Penso em silêncios quando, em um país de maioria negra, não me sinto representada nos espaços que frequento (RIBEIRO, 2017).

Essa falta de representatividade nos espaços que boa parte dos cidadãos afrodescendentes bem-sucedidos frequentam é um direcionador de pensamentos e nos faz adentrar à seguinte questão: quais os impactos que a desigualdade racial gerou e gera no esporte mais popular do mundo praticado no país que, segundo Pereira (2020), possui a maior taxa de miscigenação no mundo?

A desigualdade racial é um problema recorrente no Brasil desde a Era Colonial quando os colonizadores e senhores, de raízes eurocêntricas, impunham todo seu

preconceito através da escravidão de pessoas negras (MARCUSI, 2018). E no contexto esportivo, essa desigualdade tem se manifestado através do preconceito racial nas seguintes maneiras: dentro dos gramados entre jogadores, nas arquibancadas vindo dos torcedores e até mesmo de dirigentes para com jogadores são as formas mais recorrentes. Nas redes sociais, onde muitos acreditam ser “terra de ninguém” e se escondem atrás de perfis falsos para fazer (e dizer) o que bem entenderem, também há diversos relatos de ofensas raciais a jogadores de futebol.

Segundo o sociólogo Silvio de Almeida (2018), quando pensamos em “racismo”, pensamos em uma violência direta contra uma pessoa negra. Entretanto, o racismo é um fenômeno que não pode ser tratado como uma patologia social. O racismo é uma forma de normalização e compreensão das relações (ALMEIDA, 2018).

Ser negro, em um país miscigenado, mas repleto de desigualdade racial em pleno século XXI não é fácil. Na verdade, no Brasil não é fácil ser negro, como não é fácil ser mulher, homossexual, transexual e não é fácil ser pertencente a nenhuma classe que sofre com a discriminação latente advinda da sociedade por razões imutáveis (ANJOS, 2019).

De acordo com um levantamento feito pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2022) a pedido do canal de jornalismo *CNN Brasil*, houve um número recorde de registros de casos de injúria racial no futebol sul-americano. Até o mês de maio, foram registrados nove casos: seis na Copa Libertadores da América e três na Copa Sul-Americana (OBSERVATÓRIO RACIAL DO FUTEBOL, 2022).

No início do século XX, na sua chegada ao Brasil, o futebol era um esporte extremamente elitizado em que muitos dos clubes presentes nesse período proibiam aos membros de etnias que não fossem da “etnia dominante” – a dos caucasianos – a prática dessa modalidade (MENDES, 2018). O futebol era praticado, principalmente, em clubes de jôquei, onde havia exclusividade para brancos e membros de boas famílias e, por tal razão, pessoas negras eram proibidas (FILHO, 2010). Não somente clubes, como federações e até mesmo a seleção brasileira de futebol fechavam as portas para a inserção de atletas negros (FILHO, 2010).

A prática do futebol por parte de negros e operários se deu de maneira não oficial, às escondidas, de modo informal. Com o passar dos anos, um ou outro negro considerado “de boa família”, poderia ganhar espaço nos times compostos por brancos e disputar as grandes ligas da época, podendo chegar até à seleção brasileira

(FILHO, 2010). O caso mais famoso de que se tem notícia é de Arthur Friedenreich, o primeiro grande craque do futebol brasileiro (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019). Negro de olhos verdes, à época, Friedenreich era considerado um “quase branco” (CURI, 2014).

Os negros ainda sofrem (e muito) com o preconceito racial que está enraizado de forma estrutural em nossa sociedade (PAES, 2020). Esse preconceito também pode ser tido como institucional se houver a percepção de que pessoas negras, em pleno século XXI, ainda possuem pouca representatividade em cargos de liderança e comando na sociedade brasileira. E isso fica ainda mais evidente ao olharmos para cargos superiores dentro do futebol brasileiro (PIRES, 2019).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, aproximadamente 56% da população brasileira se autodeclarava preta ou parda. E isso é refletido diretamente nos campos de futebol do Brasil, onde os negros estão escancaradamente representados. Todavia, esse número parece não refletir a realidade quando se trata de cargos que vão além de funções como as de atleta, seguranças, cozinheiros(as), faxineiros(as), entre outras funções subordinadas (FLORENZANO, 2018). Cargos administrativos, de liderança e gestão, responsáveis pelas tomadas de decisão dentro das entidades esportivas são ocupados, quase que em sua totalidade, por pessoas brancas (PAES, 2020).

Sendo assim, surge a necessidade de mostrar todo o contexto envolvendo a desigualdade racial e o futebol brasileiro, bem como compreender e problematizar as questões ligadas ao racismo institucional que se apresenta no esporte. Afinal, se dentro das quatro linhas em forma de qualidade técnica a representatividade negra fez a diferença, é possível acreditar que ela possa fazer a diferença também fora dos gramados, em cargos de comando.

Uma possibilidade de investigação das prováveis causas dessa baixa representatividade de pessoas negras nos cargos de comando no futebol brasileiro é através da análise de discursos de profissionais de diferentes áreas ligadas ao futebol.

## 1.1 OBJETIVO GERAL

- ❖ Analisar e problematizar os discursos de profissionais atuantes no meio do futebol referente à baixa representatividade de pessoas negras nos cargos de comando do futebol.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os depoimentos e declarações de atletas, ex-atletas, jornalistas esportivos, treinadores e dirigentes sobre a baixa representatividade negra nos cargos de comando no futebol;
- Identificar a partir dos depoimentos e declarações quais são os prováveis fatores determinantes para a baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol;
- Discutir a partir da literatura os prováveis fatores para a baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol partindo da perspectiva histórica.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

No contexto atual do Brasil, há diversos movimentos em busca de uma maior igualdade racial, o que não é refletido dentro do futebol brasileiro. Nos campos, até é possível notar que os jogadores negros correspondam aos – aproximadamente – 56% de negros que vivem no país de acordo com o IBGE (2019). Porém, dentro dos cargos de comando técnico, de liderança e tomada de decisão nas instituições esportivas, esse número não é correspondente. Dito isso, surge uma necessidade de entender o cenário de desigualdade racial dentro do esporte e tentar buscar soluções para esse problema que, em plena Era Pós-Moderna insiste em assolar a sociedade.

As informações, à nível nacional, já estão defasadas e essa é uma lacuna a ser explorada. A maioria dos estudos encontrados com relação à desigualdade racial no esporte tratam sobre os seguintes temas: análises de casos de racismo e/ou injúria racial; estilo de jogo e influências da miscigenação; início do futebol no Brasil com a

exclusão de pessoas negras; os olhares da imprensa negra; relatos/entrevistas com personalidades negras do futebol; ótica do jogador negro; técnicos negros no futebol, como foi encontrado nos estudos de Mackedanz et al. (2019), Lise (2015), Santos (2018), Souza (2015), Tonini (2010), Ferrara (1986), Domingues (2009), Cavalcanti e Caprato (2009), Paoli e Soares (2011), Mamede (2018) e Pereira (2021). Porém, não foram encontrados estudos que tratem da temática da baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol brasileiro, para além do comando técnico. Além de explorar essa lacuna, expor esses achados pode fazer com que haja uma maior reflexão sobre o tema.

A motivação pessoal para esse trabalho vem de uma curiosidade particular, surgida pelo fato de o autor ser uma pessoa negra e sentir a falta de representatividade ao acompanhar as coletivas de imprensa de dirigentes e treinadores dos principais clubes do futebol brasileiro. Ao perceber que as entrevistas por parte de jogadores negros durante e ao fim de uma partida de futebol são cenas comuns, surgiu uma necessidade intrínseca de pesquisar sobre o assunto e compartilhar os achados com a sociedade.

A falta de sensibilidade em questões sociais por parte dos clubes de futebol e até mesmo das entidades federativas estaduais reflete diretamente o problema de desigualdade racial no Brasil. É possível sugerir que com um maior número de representantes negros em cargos de comando dentro dessas entidades esportivas (clubes e federações), mais campanhas e ações estratégicas poderiam ser elaboradas com a intenção de coibir as dezenas de casos de racismo que presenciamos anualmente dentro dos estádios e, até mesmo, na sociedade.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A presente revisão de literatura está construída em quatro tópicos que foram interligados ao longo do trabalho. O primeiro tópico tem como objetivo dissertar sobre como o negro era visto na sociedade brasileira e como é visto atualmente. O segundo tópico aborda os aspectos históricos do negro dentro do futebol, desde a inserção até a atualidade. E a partir do histórico do negro no futebol, podemos entrar no terceiro tópico que busca entender os porquês da baixa representatividade negra nos cargos responsáveis por tomar as principais decisões dentro das entidades esportivas do futebol brasileiro e apresentar os casos mais notáveis de representantes negros, na atualidade. Por fim, o último tópico apresenta um panorama internacional em relação ao racismo estrutural dentro do esporte, em outras sociedades multirraciais além do Brasil, como os Estados Unidos e a Inglaterra.

Também é importante destacar que, segundo Almeida (2018) existem três concepções viáveis a respeito do racismo: o racismo *individualista*, o racismo *institucional* e o racismo *estrutural*. Na concepção individualista, se entende o racismo a partir de fatos isolados, onde o fenômeno atinge de maneira mais individualizada. Já na concepção do racismo institucional, os comportamentos institucionais servem para privilegiar um grupo em detrimento ao outro. É a definição dos papéis de dominador e dominado, materialização de quem manda e quem obedece. Por fim, na concepção estrutural, segundo o autor, o racismo pode ser entendido através das estruturas que formam as relações. Esta concepção é tida como a mais profunda e que determina as relações que formam a sociedade. É reproduzido o pensamento de que o negro é um ser pior, incapaz, descontrolado e demais características negativas possíveis de atribuir a um ser humano (ALMEIDA, 2018).

### 2.1 O NEGRO NO BRASIL

De acordo com Lima (2019), o diplomata francês Joseph Arthur de Gobineau acreditava que deveria haver uma supremacia entre pessoas e que alguns homens eram superiores aos outros. Conde Gobineau, como era conhecido, difundia a linha de pensamento do Darwinismo Social (QUIJANO, 2005). Tal linha de pensamento se

utilizava da noção biológica de “raça” para dividir e hierarquizar a espécie humana em termos de uma linha evolutiva civilizatória. Sendo assim, Conde Gobineau dividiu a espécie humana em três grandes raças: a raça branca (caucasianos) que tinham como características principais a inteligência e a moralidade; a raça negra (negroides) que carregavam como características a natureza animal, a imoralidade e a instabilidade emocional; e a raça amarela (mongoloides) que representavam a fraqueza física e intelectual (GOBINEAU, 2014).

Em uma vinda ao Brasil em 1869, Conde Gobineau teria dito ao imperador Dom Pedro II que não via com bons olhos a miscigenação (mistura do negro com o branco) pois isso faria surgir uma nação inferior, possivelmente com doenças e problemas cognitivos. Com a abolição da escravatura, em 1888, essa teoria – que mais tarde seria conhecida como uma das “teorias raciais” de Conde Gobineau – já era de domínio público e tomada como verdade pelos diplomatas brasileiros (RAEDERS, 1988).

O projeto dos diplomatas (brasileiros e europeus), à época, visava o extermínio negro com o objetivo de embranquecimento da população, o que se tornaria visualmente mais agradável. Esse projeto de extermínio previa que os negros, antes escravos, não poderiam: conviver em sociedade, ter direito aos mesmos empregos e salários que os brancos, ter direito aos auxílios do Governo e também que os negros deveriam se relacionar com brancas com o intuito de gerar filhos mestiços, que mais tarde se envolveriam com pessoas brancas e assim sucessivamente até o último descendente ser totalmente branco, sem traços negroides (QUIJANO, 2005; NEVES; SILVA, 2019; LÓPEZ, 2012, p. 122). Alguns países como, por exemplo, a Argentina, obtiveram certo sucesso em seu processo de embranquecimento da população (KEINDÉ; MELLO, 2019). No Brasil, porém, houve forte resistência e alguns cidadãos negros ganharam notoriedade.

De acordo com Marcussi (2018), os negros brasileiros foram intencionalmente excluídos da sociedade elitista dominada por brancos e a abolição da escravatura só proporcionou aos negros uma liberdade de cunho jurídico. Entretanto, aqueles que eram escravos e seus descendentes permaneceram socialmente inferiorizados e não alcançaram ascensão social e econômica. Consequentemente, acabaram ocupando lugares de menos prestígio e privilégios dentro da sociedade, bem como no mercado de trabalho (CORDEIRO, 2007). Às pessoas negras, excluídas do novo mercado de

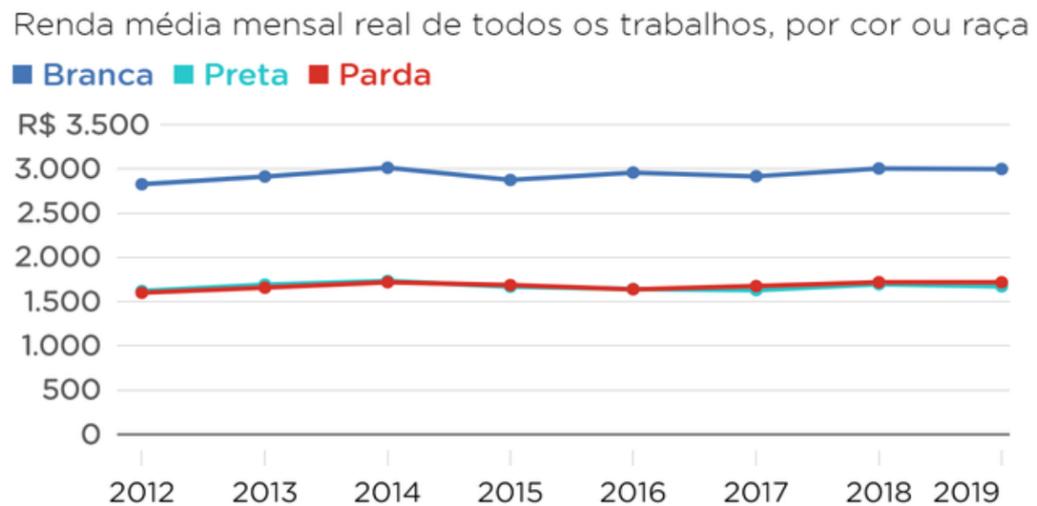
trabalho, restava apenas a imagem de preguiçosos, ociosos e criminosos, o que dificultava ainda mais as tentativas de ascensão social (FERNANDES, 1972).

Fernandes (1972), também pontua que após a abolição da escravatura em 1888, a responsabilidade dos negros ex-escravos e descendentes de se igualar – social e economicamente – à população branca, pertencia exclusivamente aos próprios negros. E parece que assim foi o início da inserção e valorização do negro na sociedade brasileira, com o esforço próprio e posterior reconhecimento dos brancos.

Nas décadas de 1920 e 1930, mesmo após os negros serem protagonistas de importantes conquistas dos maiores clubes de futebol do país à época, eles eram barrados das comemorações destas conquistas, as quais eram realizadas em clubes pertencentes à elite (FILHO, 2010). A partir de 1945, houve uma intensificação da necessidade da mão-de-obra no país e alguns cidadãos negros passaram a ser vistos como “decentes” para determinados trabalhos (FERNANDES, 1972).

De acordo com Bento (2002, p. 7), o termo *branquitude* diz respeito a um “lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a *racialidade*, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade”. Tal termo, institui que pessoas negras possam cumprir essencialmente dois papéis pré-determinados na sociedade brasileira: ou ser artista ou ser jogador de futebol (SANTOS, 1984).

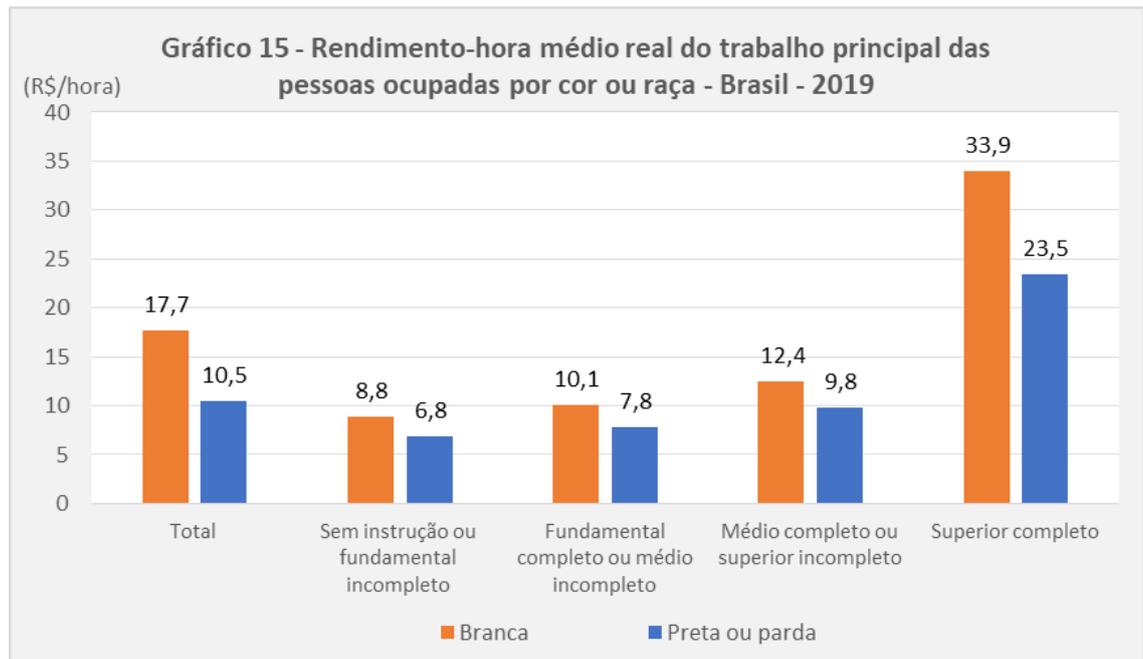
Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2014, a porcentagem de negros entre as classes mais baixas do país ultrapassava os 70% e a discriminação no mercado de trabalho era explícita, mesmo depois de mais de 130 anos após a tão comemorada abolição da escravatura. A média salarial mensal de um trabalhador branco gira em torno de R\$2700,00 (dois mil e setecentos reais) enquanto a média salarial mensal de um trabalhador negro fica próxima de R\$1500,00 (mil e quinhentos reais) (IBGE, 2016).



**Figura 1** – Renda média mensal dos brasileiros, por cor ou raça

Fonte: IBGE (2016)

Contribuindo ao que foi exposto, os dados da Pesquisa Nacional de Amostras a Domicílio de 2012 a 2019 mostrados na Síntese dos Indicadores Sociais divulgados pelo IBGE mostram as diferenças do rendimento-hora de acordo com os níveis de instrução. Por exemplo, pessoas brancas possuem um rendimento por hora estimado em R\$17,70, enquanto pessoas pretas ou pardas possuem um rendimento por hora estimado em R\$10,50 (Figura 2).



**Figura 2 – Rendimento-hora médio do trabalho principal por cor ou raça**

Fonte: PNAD (2019)

Ante os expostos acima, também é necessário destacar o “racismo à brasileira” (DAMATTA, 1982; TELLES, 2003; SCHWARCZ, 2001). É um termo utilizado para denominar a forma como foi desenvolvido o preconceito racial no país. Esse termo corrobora com o que foi proposto por Freyre (1933) a respeito da *democracia racial*, em sua obra “Casa Grande & Senzala”. Ambos os termos divagam sobre uma visão de que não há diferenças entre povos e raças, de que todos são iguais. Porém, essa igualdade proposta por Freyre e seus convergentes possui limites: quando o negro começa a frequentar os mesmos lugares e conquistar as mesmas oportunidades que o branco.

## 2.2 O ATLETA NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Em 1894, um estudante brasileiro, filho de imigrantes ingleses trouxe ao Brasil um esporte vindo da Inglaterra chamado “*Football*” (MILLS, 2005). Naquele momento, chegou como sendo um esporte exclusivo da elite brasileira, praticado pelos “filhos de boas famílias” (MÁXIMO, 1999). Porém, na Inglaterra, já era um esporte frequentemente praticado por operários e trabalhadores (FILHO, 2010).

Damatta (1982), Mario Filho (2010) e Wisnick (2008) apresentam, em suas respectivas obras, as origens elitistas do futebol, bem como a transição do esporte de amador para profissional e as barreiras que os negros enfrentaram ao tentar praticar o esporte na época.

No início do século XX, alguns clubes eram punidos com medidas drásticas se escalassem atletas negros. E como principal medida, as *Ligas* da época, que posteriormente acabaram se tornando Federações Estaduais, puniam os clubes com a exclusão de competições organizadas pelas *Ligas* (FILHO, 2010; DAMATTA, 1982).

Ainda nas primeiras décadas do século XX, o futebol se tornou um fenômeno nacional e sua proliferação ocasionou o surgimento de dezenas de agremiações futebolísticas compostas por operários e negros (FILHO, 2010).

O processo de profissionalização do futebol no Brasil se deu apenas em 1933. Porém, essa dita “profissionalização” não significou uma diminuição das tensões raciais que estavam tangenciando o esporte na época (WISNICK, 2008). Com o passar dos anos, um ou outro negro considerado “de boa família” poderia ganhar espaço nos times compostos por brancos e disputar as grandes ligas da época, podendo chegar até à seleção brasileira (FILHO, 2010).

O caso mais famoso que se tem notícia é o de Arthur Friedenreich, o primeiro grande craque do futebol brasileiro que teve grande destaque a partir de 1918 (GUIMARÃES, 2019). Fried, como era conhecido, era um negro de olhos verdes que se utilizava de alguns mecanismos para tentar negar sua origem étnica para não sofrer com o preconceito (GUTERMAN, 2009).

Robson, homem negro que atuava pelo Fluminense Football Club no início da década de 1950, disse: “eu já fui preto e sei o que é isso”, como forma de exteriorizar que naquele momento possuía dinheiro e prestígio, algo improvável de ser conquistado por uma pessoa negra (FILHO, 2010). Outro atleta do Fluminense, Carlos Alberto, foi mais um negro que precisou esconder seus traços fenotípicos para ser melhor visto pela torcida e pelos dirigentes. Carlos Alberto tentou, através da utilização de um pó de arroz branco, parecer o mais branco que fosse possível (CARVALHO, 2018).

Neste contexto, todo mundo queria de alguma forma “embranquecer” para atender a um ideal da branquitude, seja do ponto de vista físico, seja moral. Um fenômeno comumente visto neste período era de negar a negritude (HELAL; GORDON JR, 2007).

A partir da terceira década do século passado e a profissionalização do esporte, houve uma maior percepção por parte dos dirigentes dos clubes em relação à importância de ter negros em suas equipes com o intuito de conquistar títulos e, assim, tornar o esporte cada vez mais rentável. Entretanto, a inserção do negro dentro das equipes mais famosas à época, era sempre vista com “um pé atrás” (FILHO, 2010).

Segundo Guimarães e Guimarães (2019), o futebol passou a ser uma profissão regulamentada e remunerada. Sendo assim, algumas restrições – que antes o mantinham como esporte elitizado – foram desfeitas e o esporte virou parte do cotidiano da população antes excluída (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2019).

Após a Copa do Mundo de 1950 e os acontecimentos da final ocorrida no Maracanã, tendo a seleção brasileira sido derrotada pela seleção uruguaia após os supostos “erros” de atletas negros, a elite brasileira teve certeza de que a qualidade dos negros, dentro do futebol, não era tão confiável (ABRAHÃO; SOARES, 2012). Foi então que o chefe da delegação da seleção brasileira de futebol, João Lyra Filho, realizou um suposto relatório entregue à Confederação Brasileira de Desportos em relação ao desempenho da seleção que, até então, nunca havia conquistado um título mundial (NOGUEIRA, 2018). Nesse relatório, o dirigente elencava uma série de argumentos que justificavam os motivos para a seleção brasileira não ter sucesso esportivo. Os principais motivos eram a valorização do improviso e do “feitiço de exibição”, aliados à falta de compreensão tática e instabilidade emocional (FREITAS JUNIOR, 2009). A obediência tática, característica dos europeus. Já a valorização do improviso e instabilidade emocional, características de negros e mestiços (NOGUEIRA, 2018).

Só após as conquistas das Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970, essa “certeza” da elite brasileira foi desaparecendo ao presenciarem o protagonismo absoluto de jogadores negros e mestiços. Pelé, Garrincha, Didi, Djalma Santos e Nilton Santos foram protagonistas dos primeiros títulos mundiais da seleção brasileira de futebol. Todos de origem negra e pobre (FILHO, 2010).

De acordo com Helal e Gordon Jr. (2001), o futebol foi o primeiro espaço no qual os ex-escravos e ex-senhores poderiam “medir forças” em condições de quase igualdade. E esse fator foi primordial para a dissipação e aceitação do termo

democracia racial proposto por Freyre (2003). O futebol foi um verdadeiro impulsionador social para os negros, porém esse impulso se limitou aos gramados.

Santos (2021) infere que o “o processo de profissionalização é um dos fatores diferenciadores da participação negra no futebol em relação a outros esportes”. Esportes como voleibol e basquetebol não tiveram a mesma procura por parte de negros e pobres pois permaneceram por muito tempo sendo esportes amadores e sem regulamentações trabalhistas (HELAL; GORDON JR., 2001).

Quase no fim do século XX e no início do século XXI, a seleção brasileira de futebol acabou conquistando os seus próximos e dois últimos títulos mundiais. E o futebol brasileiro acabou tendo, em ambos os momentos, lideranças técnicas negras (NOGUEIRA, 2018). Ronaldo Nazário de Lima, Ronaldo de Assis Moreira, Romário de Souza Faria e Rivaldo Vitor Borba Ferreira. Todos autodeclarados negros, de origem periférica e também vencedores do prêmio *Ballon d’Or* em diferentes anos (Tabela 1) (GOAL, 2016).

**Tabela 1** – Brasileiros vencedores do prêmio Bola de Ouro

| Atleta          | Nº de vezes | Ano(s)            |
|-----------------|-------------|-------------------|
| Ronaldo Nazário | 3           | 1996, 1997 e 2002 |
| Ronaldinho      | 2           | 2004 e 2005       |
| Kaká            | 1           | 2008              |
| Rivaldo         | 1           | 1999              |
| Romário         | 1           | 1994              |

Fonte: *goal.com* (2016)

### 2.3 REPRESENTATIVIDADE NEGRA EM CARGOS DE COMANDO NO FUTEBOL BRASILEIRO

De acordo com o estudo realizado por Cepinho e Menocchi (2018), mesmo que pertençam à maior parcela da população brasileira, pessoas negras ainda ocupam apenas 6,3% dos postos de gerência e 4,7% dos cargos executivos.

**Tabela 2** – Distribuição do pessoal por cor/raça nos cargos das empresas pesquisadas

| <b>Cargos</b>    | <b>Branços</b> | <b>Pardos</b> | <b>Pretos</b> |
|------------------|----------------|---------------|---------------|
| Conselho Adm.    | 95,1%          | 4,9%          | 0%            |
| Quadro Executivo | 94,2%          | 4,2%          | 0,5%          |
| Gerência         | 90,1%          | 5,7%          | 0,6%          |
| Supervisão       | 72,2%          | 22,3%         | 3,6%          |
| Quadro Funcional | 62,8%          | 28,7%         | 7%            |
| Trainees         | 41,3%          | 55,7%         | 2,5%          |
| Estagiários      | 69%            | 24,4%         | 4,4%          |
| Aprendizes       | 41,6%          | 45,3%         | 12,2%         |

Fonte: ETHOS - Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas (2016)

Corroborando com o exposto acima, segundo o jornalista Breiller Pires (2019), apenas dois clubes da série A do Campeonato Brasileiro de Futebol tinham seus departamentos de futebol comandados por dirigentes negros e, no mesmo ano, foram identificados apenas dois técnicos negros comandando outros dois clubes. Se tratando de presidentes dos clubes da série A, não foram encontrados negros. Considerando que 20 clubes disputam a série A, ficamos com uma porcentagem de 10%. Em 2021, o censo do IBGE divulgou que a população de negros (pretos e pardos) no Brasil, passa de 56%. Sendo assim, a desigualdade racial fica ainda mais explícita (PIRES, 2019).

Almeida (2019) destaca que “o racismo estrutural pode atuar impedindo, dificultando ou excluindo pessoas negras de cargos de gerência nas estruturas organizacionais”. E a predominância dessas estruturas é branca e tem como um de seus objetivos resguardar seus privilégios (ALMEIDA, 2019). Além disso, contam com o *plus* de preconceito da sociedade que foi ensinada a pensar que negros não possuem capacidade intelectual o suficiente para desempenhar funções de gestão e que permitam liderar algo ou alguém (SANTOS, 1986).

O racismo institucional ainda é bastante latente e carece de um aprofundamento maior nas pesquisas. Segundo López (2012, p. 127), o racismo institucional pode ser definido como “processos de discriminação indireta que ocorrem

no seio das instituições, resultantes de mecanismos que operam, até certo ponto, à revelia dos indivíduos”.

A Universidade do Futebol (2007) reitera que “fica difícil pesquisar o racismo no Brasil por meio de fontes tradicionais de pesquisa, o ideal seria recorrer ao conjunto de procedimentos da história oral”. Dessa forma e tendo ciência das pesquisas já realizadas até aqui, chegamos à conclusão que ainda faltam muitas informações advindas da literatura brasileira especializada com relação à pauta racial no futebol, ainda mais dentro dos cargos de comando, pois de acordo com o sociólogo do esporte Luiz Otávio Teles Assumpção (2018), “o futebol ainda enxerga o indivíduo negro apenas como atleta”.

No ano de 2019, foi feito um levantamento entre os presidentes das séries A e B do futebol brasileiro e, com ele, chegou-se à conclusão que havia apenas um presidente que não poderia ser considerado branco. Sebastião Arcanjo, o “Tiãozinho”, que até então era vice-presidente da Associação Atlética Ponte Preta de Campinas e, após a renúncia do presidente José Armando Abdalla Júnior, foi eleito presidente do clube (GLOBO ESPORTE, 2019). Tiãozinho, como é conhecido, é autodeclarado negro e sabe da importância do seu papel dentro do futebol, no combate ao racismo. Como o mandato único (sem reeleição) de um presidente no futebol brasileiro dura, em média, entre dois e três anos (variando de acordo com o estatuto de cada clube), Tiãozinho ao fim do ano de 2021 optou por não se candidatar à reeleição e deixou o cargo de presidente do clube.

Pereira (2021) ressalta que “é difícil passar de jogador negro a técnico ou dirigente”, visto que o “racismo científico” limita que o negro é decente apenas para atividades corporais, e não atividades intelectuais. Atividades intelectuais ficam por conta do homem branco (PEREIRA, 2021).

Nos últimos anos, o futebol brasileiro presenciou a ascensão de dois treinadores negros na elite do futebol brasileiro, Roger Machado e Marco Aurélio de Oliveira, o Marcão. Roger teve passagens relevantes como treinador efetivo de alguns dos maiores clubes do futebol brasileiro. Marcão, mesmo apresentando resultados efetivos, ainda ocupa a função de auxiliar técnico do Fluminense e assume como treinador interino quando ocorre a demissão de algum outro treinador.

Como destaca Florenzano (2018), o negro que tenta alcançar cargos como o de treinador principal de uma equipe de expressão no futebol brasileiro, acaba por

ficar subordinado ao cargo de auxiliar ou de responsável pelas categorias de base (FLORENZANO, 2018).

Atualmente, dos 20 possíveis treinadores da divisão de elite do futebol brasileiro, apenas um não é branco. O técnico Jair Ventura foi o responsável por comandar a equipe do Esporte Clube Juventude até fevereiro de 2022, quando foi demitido. Logo após, assumiu a equipe do Goiás Esporte Clube (FRANCE24, 2022). Nada comparado ao ano de 2019, quando houve um número recorde de pessoas negras em cargos de comando no futebol nacional: dois treinadores, um presidente e dois diretores de futebol (PIRES, 2019).

Fundada em 1914 como CBD, a atual Confederação Brasileira de Futebol é presidida por uma pessoa negra pela primeira vez em mais de 100 anos de história. Ednaldo Rodrigues, natural do Estado da Bahia, assumiu o posto de maneira interina após o presidente eleito Rogério Caboclo se envolver em um escândalo de acusações de assédio. Rodrigues irá presidir a instituição até o ano de 2026 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2022).

#### 2.4 PANORAMA INTERNACIONAL DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO FUTEBOL

Países que recebem uma grande variedade de imigrantes, como a Inglaterra e os Estados Unidos, por exemplo, também poderiam ser citados nessa pesquisa sobre representatividade negra em cargos de comando.

Analisando o histórico do futebol inglês, percebemos a miscigenação entre atletas. Porém, se tratando de cargos superiores como o de treinador, o panorama parece ser diferente. Dos 92 treinadores possíveis para as cinco divisões profissionais da Inglaterra entre os anos de 2001 e 2011, observou-se uma média aproximada de 2 a 4 treinadores negros no futebol inglês (CASHMORE; CLELAND, 2011).

Desde 2020, a EFL (*English Football League*) introduziu uma política de diversidade étnica já utilizada nas ligas de futebol americano chamada “*Rooney Rule*”, na qual os clubes devem ter no processo de seleção para uma vaga administrativa ao menos um candidato de minoria étnica. Entretanto, há algumas brechas que fazem com que alguns clubes (mesmo aqueles que concordaram com a existência da regra) não cumpram com essa regra. Não existe punição para o clube que não aderir à regra

e os clubes que não tiverem processos seletivos, estão liberados de cumpri-la (SWANSON; KERAI, 2020).

Bradbury (2013) procurou investigar as formas com que o racismo institucional possa ter limitado, de maneira desproporcional, as posições às quais as pessoas provenientes de minorias étnicas poderiam atingir. O autor discute que essa limitação se deve aos padrões sustentados pela continuidade de pensamentos supremacistas, que colaboram com a manutenção e disseminação do privilégio branco (BRADBURY, 2013).

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) conta com uma mulher negra entre seus principais comandantes. A executiva sênior senegalesa Fatma Samoura foi a primeira mulher nomeada para o cargo de “Secretário-Geral” da FIFA, no ano de 2016 (KAMPFF, 2020). Antes da comemorada nomeação, Fatma passou por diversas funções dentro da Organização das Nações Unidas (ONU) e sua nomeação foi tida como uma quebra de paradigmas, visto que ela é uma das únicas pessoas negras a ocupar um cargo tão relevante dentro do futebol (KAMPFF, 2020).

O camaronês Issa Hayatou, presidente da Confederação Africana de Futebol (CAF) entre os anos de 1988 e 2017, foi nomeado presidente interino da maior entidade esportiva do futebol mundial. Hayatou comandou a FIFA entre outubro de 2015 e fevereiro de 2016, período no qual o ex-presidente efetivo Joseph Blatter foi suspenso até a eleição do atual presidente, o italiano Gianni Infantino (PIZARRO, 2021).

Bradbury, Van Sterkenburg e Mignon (2018) investigaram a ausência de treinadores negros no futebol profissional de França, Inglaterra e Holanda através de entrevistas com técnicos provenientes de minorias étnicas. O estudo concluiu que as experiências negativas dos participantes e a opção feita pelos clubes de contratar profissionais já conhecidos faz com que não haja interesse por parte dos clubes em oportunizar candidatos de grupos étnicos minoritários (BRADBURY; VAN STERKENBURG; MIGNON, 2018).

Saindo do cenário futebolístico, é possível analisar no estudo de Solow, Solow e Walker (2011) a investigação da utilização da regra *Rooney Rule* no futebol americano. Tal regra prevê que os times da NFL entrevistem ao menos um candidato pertencente às minorias étnicas em seu processo de contratação. O estudo conclui que, mesmo com a imposição da regra por parte da liga, o número de técnicos

principais provenientes de minorias não aumentou desde a imposição da regra em 2003 até o ano de 2009 (SOLOW; SOLOW; WALKER, 2011).

### 3 MÉTODOS

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo trata de uma pesquisa de natureza aplicada. Destaca-se a utilização de abordagem essencialmente qualitativa que, entre outras perspectivas, perpassa pela captação de significados subjetivos de questões de interesse sob a ótica dos participantes da pesquisa (FLICK, 2013). O tipo de pesquisa quanto aos objetivos é de natureza descritiva-explicativa, que busca descrever e explicar o porquê das coisas, identificar os fatores que influenciam em determinados fenômenos e também busca aprofundar os conhecimentos sobre determinado assunto (GIL, 2002). O tipo de pesquisa quanto aos procedimentos será realizado de forma documental e bibliográfica através da leitura de documentos, artigos científicos e livros (GIL, 2002). Recursos audiovisuais também foram utilizados com o intuito de alcançar os objetivos do presente estudo.

#### 3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O principal instrumento utilizado para a coleta de dados foi a análise documental. Na análise documental, segundo Ludke e André (1986), “pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Documentos podem ser escritos, como: livros, artigos, documentos oficiais e projetos; ou não-escritos, como: fotos, filmes e audiovisuais.

#### 3.3 PROCEDIMENTOS

As fontes utilizadas para chegar aos resultados do trabalho são advindas de documentos disponíveis no formato online (sites de periódicos esportivos, fontes jornalísticas e páginas eletrônicas), entrevistas transcritas de trabalhos acadêmicos e de documentos audiovisuais online como vídeos e *podcasts*.

Foram utilizadas as seguintes fontes para encontrar os discursos analisados:

- ❖ Sites de periódicos esportivos como “Globo Esporte”, “El País” e “Superesportes”;
- ❖ Fontes jornalísticas como “O Globo”, “Folha UOL”, “The Intercept” e “Extra Globo”;
- ❖ Páginas eletrônicas como “Geledés” e “Observatório Racial da Discriminação no Futebol Brasileiro”;
- ❖ Plataformas de vídeo como “YouTube”.

As buscas ficaram restritas ao século XXI, visto que boa parte dos estudos encontrados são relacionados ao século anterior, buscamos verificar as questões do século atual. A análise foi centrada em discursos a partir do ano de 2001.

Importante ressaltar que, apesar dos benefícios da internet que segundo Tomaél (2001, p. 3) “abriu um leque amplo na tipologia de fontes de informação, proporcionando maior velocidade e quantidade de informações acerca de determinado assunto”, muitas vezes as informações apresentadas podem ser divergentes e imprecisas. Entretanto, as divergências e imprecisões poderão ser reduzidas através da utilização de sites confiáveis. É possível verificar a confiabilidade de um site através do selo de segurança e sua reputação (SITE CONFIÁVEL, 2021).

Foram utilizados os seguintes descritores: *racismo/racism*, *preconceito racial/racial prejudice*, *racismo institucional/institucional racism*, *racismo sistêmico/systemic racism*, *racismo estrutura/structural racism*, *negro/black* e *futebol/football/soccer*. Também foram utilizados os operadores lógicos de combinação *AND*, *OR*.

À medida que os discursos foram encontrados, eles foram incluídos em uma planilha no *Excel* para posterior análise, buscando saber se contemplavam os objetivos do trabalho.

### 3.4 ANÁLISE DE DADOS

Foram analisados discursos de personalidades do meio do futebol que dissertam sobre a baixa representatividade negra nos cargos de comando do futebol e os seus impactos no combate à discriminação racial em todas as esferas.

Após a análise inicial e posterior seleção, foram selecionados os discursos que falam sobre as prováveis causas dessa baixa representatividade, com o intuito de contemplar os objetivos do trabalho. Em seguida, foi realizada a análise de cada discurso segundo os procedimentos de AD de Orlandi (2007).

Orlandi (2007) faz alusão a “formações imaginárias” para interpretar discursos. Nessas formações imaginárias, destacam-se:

- ❖ Mecanismo de Antecipação: quando o discurso tem como objetivo produzir um efeito no ouvinte.
- ❖ Relações de Força: quando há o “lugar de fala” ou quem pratica o discurso fala do lugar de professor, e não do lugar de aluno.
- ❖ Relações de Sentido: quando o discurso faz parte de um processo discursivo mais amplo.

## 4 RESULTADOS

Nessa seção, foram expostos discursos inicialmente selecionados com o objetivo de contemplar os objetivos específicos do trabalho. Foram elencados os autores, bem como suas funções dentro do cenário futebolístico, o ano em que ocorreu o depoimento, onde o depoimento foi encontrado e a provável causa da baixa representatividade negra em cargos de comando, segundo os autores dos respectivos discursos.

Inicialmente, foram encontrados 40 depoimentos de diferentes personalidades que dissertavam sobre a baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol brasileiro. Foram 30 depoimentos encontrados em entrevistas transcritas online, 8 depoimentos encontrados em documentos de vídeo disponíveis na plataforma de vídeos *YouTube* e 2 depoimentos encontrados em documentos científicos (monografia e dissertação). Entretanto, somente 34 dos 40 discursos analisados abordavam sobre os prováveis fatores determinantes para o fenômeno da desigualdade racial no futebol. Estes foram selecionados para fazer parte dos resultados deste trabalho.

Foram encontrados 6 discursos de ex-jogadores, 8 de dirigentes, 9 de treinadores, 3 de jornalistas esportivos, 9 especialistas da área social do esporte. Foram 7 discursos de 2010 ou antes, 6 discursos entre 2011 e 2016, e 21 discursos entre 2017 e 2022.

O primeiro fator identificado como determinante para a baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol brasileiro foi relativo aos aspectos históricos e sociais, encontrado em 19 discursos (56%). Dessa maneira, é possível ter uma interpretação que nos remeta à desigualdade social (e racial) gerada pelo racismo estrutural que culmina no racismo institucional dentro das agremiações. Dentro desses aspectos históricos e sociais podemos lembrar das consequências geradas pelos mais de 300 anos de escravidão e tudo que foi estruturado através desse regime escravista.

O “preconceito” por motivações como a cor da pele ou uma suposta falta de capacidade intelectual em decorrência das características fenotípicas dos indivíduos foi o segundo fator mais citado, encontrado em 9 discursos (26,5%).

Em terceiro lugar, o provável fator mais lembrado pelos discursos analisados foi a baixa qualificação profissional e acadêmica por parte dos negros. Alguns dos

discursos que citam essa baixa qualificação também a associam à preguiça e à falta de interesse em se preparar para cargos de comando, tendo sido encontrado em 5 discursos (14,5%).

O último fator citado, encontrado em apenas 1 discurso (3%), fala sobre o sucesso que o negro já alcançou no papel de atleta e já não enfrenta mais a necessidade de ascensão econômica que outrora necessitou.

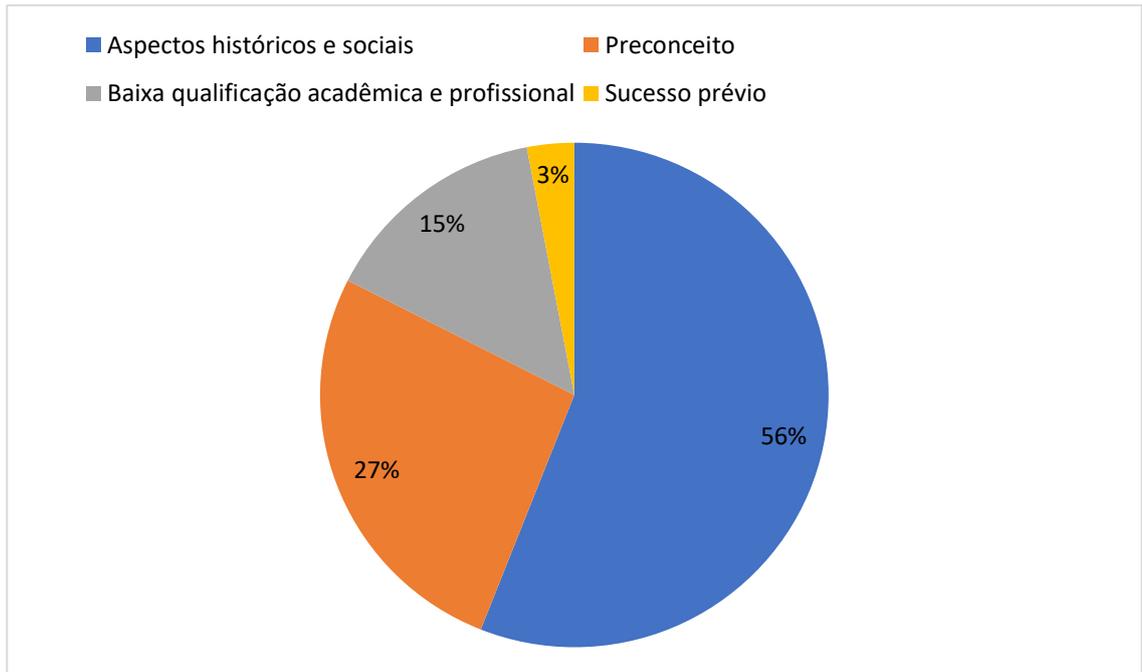
**Tabela 3 –** Fatores identificados como os mais prováveis para a baixa representatividade negra em cargos de comando do futebol brasileiro.

| <b>Autor do Discurso</b> | <b>Função</b> | <b>Ano</b> | <b>Fonte</b>  | <b>Fatores Identificados</b>   |
|--------------------------|---------------|------------|---|--|
| Aline Pellegrino         | Dirigente     | 2019       | <a href="https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159_844833.html">https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159_844833.html</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(consequências da escravidão)               |
| Breiller Pires           | Jornalista    | 2019       | <a href="https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159_844833.html">https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159_844833.html</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(racismo estrutural)                        |
| Bruno Abrahão            | Pesquisador   | 2019       | <a href="https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml">https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml</a> | Aspectos históricos e sociais<br>(menor acesso à educação de nível superior) |
| Denaldo Alchorne         | Pesquisador   | 2016       | <a href="https://observatorioracialfutebol.com.br/numero-baixo-de-tecnicos-negros-e-mais-uma-face-do-racismo-velado-no-futebol-brasileiro/">https://observatorioracialfutebol.com.br/numero-baixo-de-tecnicos-negros-e-mais-uma-face-do-racismo-velado-no-futebol-brasileiro/</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(monarquias)                                |
| José Paulo Florenzano    | Pesquisador   | 2009       | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s">https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(racismo estrutural)                        |
| Juvenal Júnior           | Dirigente     | 2017       | <a href="https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml">https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(racismo estrutural)                        |
| Luiz Paulo Rosenberg     | Dirigente     | 2009       | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s">https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(consequências da escravidão)               |
| Maestro Júnior           | Ex-jogador    | 2019       | <a href="https://oglobo.globo.com/esportes/tecnicos-ex-tecnicos-negros-debatem-dificuldade-de-acesso-cargos-de-comando-no-futebol-1-24029743">https://oglobo.globo.com/esportes/tecnicos-ex-tecnicos-negros-debatem-dificuldade-de-acesso-cargos-de-comando-no-futebol-1-24029743</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(desigualdade social)                       |

|                          |             |                          |  |  |
|--------------------------|-------------|--------------------------|--|--|
| Marcel Tonini            | Pesquisador | 2017;<br>2019            | <a href="https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml">https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml</a> ;<br><a href="https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml">https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml</a>   | Aspectos históricos e sociais<br>(racismo estrutural)                      |
| Marcelo Carvalho         | Pesquisador | 2017;<br>2019;<br>2022.  | <a href="https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml">https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml</a> ;<br><a href="https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml">https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml</a> ; UOL Esportes (noticiários esportivos) | Aspectos históricos e sociais<br>(consequências da escravidão)             |
| Marco Aurélio Cunha      | Dirigente   | 2009b                    | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s">https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s</a>  | Aspectos históricos e sociais<br>(monarquias)                              |
| Ricardo Pinto dos Santos | Pesquisador | 2017                     | <a href="https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml">https://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/pesquisa-aponta-ausencia-de-presidentes-negros-nos-clubes-das-series-a-e-b.ghtml</a>  | Aspectos históricos e sociais<br>(desigualdade social)                     |
| Roque Jr.                | Ex-jogador  | 2019a;<br>2019b;<br>2020 | <a href="https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159_844833.html">https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159_844833.html</a> ;<br><a href="https://oglobo.globo.com/esportes/tecnicos-ex-tecnicos-negros-debatem-dificuldade-de-acesso-cargos-de-comando-no-futebol-1-24029743">https://oglobo.globo.com/esportes/tecnicos-ex-tecnicos-negros-debatem-dificuldade-de-acesso-cargos-de-comando-no-futebol-1-24029743</a> ;<br><a href="https://www.youtube.com/watch?v=GgTiG_iGc5s">https://www.youtube.com/watch?v=GgTiG_iGc5s</a>  | Aspectos históricos e sociais<br>(desigualdade social e acesso à educação) |
| Sebastião Arcanjo        | Dirigente   | 2020                     | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=GgTiG_iGc5s">https://www.youtube.com/watch?v=GgTiG_iGc5s</a>  | Aspectos históricos e sociais<br>(consequências da escravidão)             |
| Cristóvão Borges         | Técnico     | 2015                     | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZeJgC42_Mk4">https://www.youtube.com/watch?v=ZeJgC42_Mk4</a>  | Preconceito (racial)   |
| Juca Kfour               | Jornalista  | 2009                     | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s">https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s</a>  | Preconceito (racial)   |
| Lula Pereira             | Técnico     | 2010;<br>2013            | <a href="https://www.geledes.org.br/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-reclamam-de-racismo/">https://www.geledes.org.br/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-reclamam-de-racismo/</a> ; <a href="https://ludopedio.org.br/biblioteca/negros-no-futebol-brasileiro-olhares-e-experiencias-de-dois-treinadores/">https://ludopedio.org.br/biblioteca/negros-no-futebol-brasileiro-olhares-e-experiencias-de-dois-treinadores/</a>  | Preconceito (racial)   |
| Marcão                   | Técnico     | 2021                     | <a href="https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/tite-diz-que-ha-preconceito-estrutural-contratecnicos-negros-devemos-lutar-contr.ghtml">https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/tite-diz-que-ha-preconceito-estrutural-contratecnicos-negros-devemos-lutar-contr.ghtml</a>  | Preconceito (estrutural)   |
| Paulo César Caju         | Ex-jogador  | 2019                     | <a href="https://extra.globo.com/esporte/campeonato-carioca/o-futebol-do-rio-de-janeiro-esta-morto-diz-paulo-cesar-caju-idolo-de-flu-botafogo-8289272.html">https://extra.globo.com/esporte/campeonato-carioca/o-futebol-do-rio-de-janeiro-esta-morto-diz-paulo-cesar-caju-idolo-de-flu-botafogo-8289272.html</a>  | Preconceito (racial)   |

|                        |            |               |   |  |
|------------------------|------------|---------------|---|--|
| Roger Machado          | Técnico    | 2019;<br>2020 | <a href="https://theintercept.com/2019/11/13/entrevista-negar-e-silenciar-e-confirmar-o-racismo-diz-roger-machado/">https://theintercept.com/2019/11/13/entrevista-negar-e-silenciar-e-confirmar-o-racismo-diz-roger-machado/</a> ; <a href="https://www.youtube.com/watch?v=GgTiG_iGc5s">https://www.youtube.com/watch?v=GgTiG_iGc5s</a>   | Preconceito (estrutural)                       |
| Tite                   | Técnico    | 2021          | <a href="https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/tite-diz-que-ha-preconceito-estrutural-contra-tecnicos-negros-devemos-lutar-contra.ghtml">https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/tite-diz-que-ha-preconceito-estrutural-contra-tecnicos-negros-devemos-lutar-contra.ghtml</a>   | Preconceito (estrutural)                       |
| Andrade                | Técnico    | 2019          | <a href="https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml">https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml</a> | Baixa qualificação profissional e/ou acadêmica |
| Antônio Roque Citadini | Dirigente  | 2009          | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s">https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s</a>   | Baixa qualificação profissional e/ou acadêmica |
| Deco Nascimento        | Dirigente  | 2019          | <a href="https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml">https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml</a> | Baixa qualificação profissional e/ou acadêmica |
| Serginho Chulapa       | Ex-jogador | 2013          | <a href="https://www.geledes.org.br/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-reclamam-de-racismo/">https://www.geledes.org.br/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-reclamam-de-racismo/</a>   | Baixa qualificação profissional e/ou acadêmica |
| Valmir Louruz          | Técnico    | 2013          | <a href="https://www.geledes.org.br/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-reclamam-de-racismo/">https://www.geledes.org.br/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-reclamam-de-racismo/</a>   | Baixa qualificação profissional e/ou acadêmica |
| Marco Aurélio Cunha    | Dirigente  | 2009a         | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s">https://www.youtube.com/watch?v=KbWqm6hbMuA&amp;t=10s</a>   | Sucesso prévio na carreira esportiva           |

Fonte: elaborado pelo autor (2022).



**FIGURA 3** – Prováveis fatores relacionados à baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol brasileiro.

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

## 5 DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi analisar e problematizar os discursos de profissionais atuantes no meio do futebol referente à baixa representatividade de pessoas negras nos cargos de comando do futebol. Os principais achados deste estudo mostram que os principais fatores para essa baixa representatividade de negros em cargos de comando do futebol são: (i) aspectos históricos que levaram o racismo estrutural a se tornar um racismo institucional, (ii) preconceito racial referente às características fenotípicas, (iii) baixa qualificação profissional e/ou acadêmica por parte de pessoas negras, (iv) sucesso na carreira esportiva prévia de ex-atletas negros.

É importante ressaltar que ainda que o Brasil seja um país que classifica condutas racistas como passíveis de pena, não são todos os países que seguem essa linha de legislação. O Código Penal Brasileiro prevê (Art. 140, parágrafo 3º) que “o delito de injúria racial é crime”. Injúria racial, diferente de racismo, é o crime cometido contra a honra de uma pessoa específica. Já o crime de racismo, previsto na Lei 7.716/1989 é considerado “ofensa contra uma coletividade”.

O artigo 5º da Constituição Brasileira diz que o racismo é crime imprescritível e inafiançável. Porém, até hoje, não se tem notícia de alguém que cometeu o crime e cumpriu a pena prevista. Nenhum dos artigos ou leis dissertam em relação ao ensinamento dos porquês da discriminação racial ou do racismo estrutural.

Em teoria, há a lei 10.639/2003 que disserta sobre a obrigatoriedade de as Redes de Ensino incluir em seus currículos oficiais a temática da “História e Cultura afro-brasileira”. Porém, essa lei não foi aplicada justamente porque o Brasil é institucionalmente racista (ALMEIDA, 2016).

Marcelo Carvalho, diretor-executivo do Observatório Racial do Futebol Brasileiro, é um dos maiores combatentes nessa luta diária contra a desigualdade racial e os casos de discriminação racial no futebol brasileiro.

Quem faz o espetáculo é o negro, mas quem comanda não é ele. É uma reflexão importante a ser feita. Costumo dizer que a injúria racial é a ponta do iceberg. É a parte visível. Existe essa outra parte invisível que é a não presença dos negros nos cargos de comando e de treinadores. É um racismo institucional, que a gente tem também fora do futebol, e se acostumou a ver a ponto de achar normal [...] são casos sempre pontuais. A gente puxa na memória e encontra um ou outro. São sempre exceções. Não sei se todos os

principais clubes do Brasil já tiveram pelo menos um presidente negro (CARVALHO, 2017).

Esse discurso de Marcelo Carvalho, concedido ao Globo Esporte, é apenas uma das diversas entrevistas dadas por ele a canais de comunicação esportiva. Nela, Marcelo Carvalho traz importantes reflexões porque a ausência de negros nos cargos de comando e gerência é algo tão normalizado que o “estranho” é ver uma pessoa negra alcançar estas posições. Constantes posicionamentos em diferentes canais de comunicação esportiva são características de Marcelo Carvalho, a fim de divulgar o trabalho que é realizado por ele e pela sua equipe no Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

Após o fim da escravidão no Brasil, a gente nunca teve uma política de oportunidades para as pessoas negras, então sempre ficou na cabeça da sociedade que as pessoas negras não estão ocupando esses espaços porque elas não querem ou porque, de fato, elas são inferiores intelectualmente (CARVALHO, 2022).

Nessa declaração, Marcelo Carvalho traz um pouco da perspectiva histórica de um dos porquês de não haver pessoas negras ocupando posições de comando em um país tão miscigenado. Em ambos discursos, Marcelo Carvalho parece se utilizar da *relação de força* (ORLANDI, 2007) onde quem fala, “fala do lugar de professor e não do lugar de aluno”.

Seguindo na mesma linha de pensamento, o historiador Ricardo Pinto dos Santos relata que a desigualdade racial dentro do futebol traduz o que é o Brasil.

É um reflexo da sociedade. Não somente quanto à presidência e diretoria, mas também técnicos e comissão. É muito difícil encontrar negros. Quase sempre estão ligados aos cargos mais baixos, porque efetivamente têm pouco acesso à educação, pouco acesso a essa dinâmica de dirigentes, então um grupo que vem historicamente à margem de uma boa educação e de uma estrutura que possibilite alcançar esses cargos, não é à toa que há um reflexo disso na ocupação que essas pessoas têm dentro dos clubes (SANTOS, 2017).

O discurso de Santos (2017) corrobora com os de Carvalho (2017; 2022) e ainda divaga sobre a falta de acesso à educação ocasionada por fatores históricos. Tais declarações podem ser entendidas como autoexplicativas e possuem uma conotação ligada às *relações de sentido* (ORLANDI, 2007), onde o discurso é visto

como um processo discursivo mais amplo, não havendo começo absoluto e nem ponto final para o discurso (ORLANDI, 2007).

Marcel Diego Tonini, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, é um implacável pesquisador das origens da desigualdade racial no esporte. Em seu primeiro discurso, Tonini disserta que:

Quanto mais subimos a estrutura do futebol espetacularizado, mais racista ele se torna, maior a resistência por parte da elite branca que o controla e compõe o status quo. Se nós formos perguntar aos dirigentes esportivos, eles dirão que é pela falta de competência dos próprios negros, numa atitude tipicamente racista de culpar os negros por seu insucesso. A elite racista inventou até um nome para isto: “complexo de cor”. Esse discurso supostamente meritocrático, no entanto, não dá conta de explicar por que os negros compõem a maioria dos atletas profissionais, porém não têm chances em cargos de gestão, sendo que estes são compostos em boa parte por ex-atletas (TONINI, 2019a).

No discurso de Tonini (2019a), há uma percepção que parece estar mais próxima da coerência e da realidade. O respaldo científico permite que Tonini enxergue com certa precisão uma das prováveis causas da baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol brasileiro, se utilizando das *relações de sentido*.

Ednaldo Batista Libânio, popularmente conhecido como “Grafite” é um ex-jogador de futebol que, no ano de 2005, passou por uma situação de discriminação vinda de um jogador adversário. Atualmente, Grafite é comentarista da Rede Globo de televisão e usa seu lugar privilegiado para se posicionar.

A Fifa e a Uefa têm ações mais contundentes onde os casos [de racismo] ocorrem, mas não com tanta frequência. Tem casos de que a gente nem tem conhecimento. Além disso, entre os dirigentes, a grande maioria é branca. Jamais vão se sensibilizar por uma situação que não sentiram na pele. Não tem técnico negro, não tem dirigente negro. A gente fica de mãos atadas. A gente fica à mercê de essas pessoas se sensibilizarem (GRAFITE, 2022).

O discurso de Grafite parece adotar um tom mais cauteloso, mas sem deixar de expor seus verdadeiros pensamentos. Algo que no passado, quando atleta, talvez não fosse tão viável pela falta de sensibilidade dos dirigentes que outrora o comandavam.

Um desses dirigentes que já comandaram Grafite foi o político e diretor de futebol Marco Aurélio Cunha, que é um homem branco. Em uma entrevista divulgada por Lefevre e Pontes (2009), o dirigente esportivo Marco Aurélio Cunha, que é um

homem branco, ao ser perguntado dos porquês da baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol exterioriza uma opinião bastante polêmica.

Talvez por eles serem tão bons atletas e receberem dinheiro, e terem essa maior criatividade e eficiência eles ganhem mais [dinheiro] e depois não tenham tanta vontade de trabalharem no esporte. Os que são menos “qualificados” às vezes tem que trazer isso à tona e viver do futebol depois (CUNHA, 2009a).

É nítido que a fala de Cunha pode ter diferentes interpretações. Segundo a AD de Orlandi (2007), Cunha (2009a) se utiliza do *mecanismo de antecipação*, onde o sujeito fala de acordo com o que pensa em produzir em seu ouvinte. Em parte, o discurso pode ser interpretado como um esforço em inferiorizar o profissional de futebol que é branco, numa espécie de afirmação de que realmente acredita que não haja racismo e que há uma democracia racial onde todos são iguais. De outro lado, há a possibilidade de Cunha querer minimizar a baixa representatividade negra nos cargos de comando do futebol brasileiro, supondo que não há tanto interesse por parte dos negros em trabalhar com o esporte após a carreira de atleta, especialmente quando essa carreira profissional foi marcada por sucesso esportivo (e financeiro) significativo. Este fator também pode englobar a questão psicológica, na qual existe um possível desgaste emocional daqueles que um dia passaram pela experiência de ser um atleta profissional de futebol.

Van Dijk (2012, p. 155) afirma que “uma das características centrais do racismo contemporâneo é a sua negação”. Souza (2013) infere que:

Vislumbrar a situação do negro no Brasil em seus aspectos sociais, culturais e econômicos somente pela determinação racial sem levar em consideração outras determinações como, por exemplo, o capitalismo e sua reprodução ideológica das classes dominantes é incorrer num reducionismo analítico (SOUZA, 2013).

Em suas obras, o antropólogo Kabanele Munanga (1999) destaca um termo – que anteriormente já foi mencionado neste trabalho – chamado “racismo à brasileira” que, segundo ele

[...] se caracteriza pela busca de assimilação dos membros dos grupos étnico-raciais diferentes na “raça” e na cultura do segmento étnico dominante da sociedade. Esse modelo supõe a negação absoluta da diferença, ou seja, uma avaliação negativa de qualquer diferença e sugere no limite um ideal implícito de homogeneidade que deveria se realizar pela miscigenação e pela

assimilação cultural. A mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras consequências a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio. (MUNANGA, 1999, p. 110).

Em suma, Munanga deduz que no Brasil há uma espécie de imposição da supremacia racial branca de maneira extremamente sutil e eficaz, onde supostamente não há desigualdade racial, mas o negro não deveria superar ou comandar o branco.

O silenciamento perante às questões raciais, é outra maneira de demonstração do “racismo à brasileira”. Segundo Elisa Nascimento (2003):

No Brasil, a discussão do racismo leva de forma quase inexorável à alegação do perigo iminente de construir-se um racismo às avessas. Esse tabu costuma travar a discussão antes que ela consiga realmente começar. É o contraponto de um fenômeno que caracteriza de forma singular o racismo brasileiro: o recalque e o silêncio. Contudo, verifica-se que tal noção representa não apenas um equívoco, como um dos pilares que sustentam a dominação, pois o silêncio configura uma das formas mais eficazes de operação do próprio racismo no Brasil. (NASCIMENTO, 2003, p.23).

O ex-goleiro Armelino Donizetti Quagliatto, o Zetti, quando perguntado sobre a existência de racismo no futebol por Lefevre e Pontes (2009), declara:

Eu acho que não tem nada a ver cara, nada a ver mesmo, no futebol não tem cor, raça, nada. Não tem cara forte, fraco, né? [...] É o que eu falo: acho que às vezes é oportunidade, é momento. Quem tem conhecimento do futebol e quer seguir essa carreira, tem que passar por algumas dificuldades. Mais o estudo, você se informar e ir atrás (ZETTI, 2009).

Zetti (2009) tenta amenizar o fenômeno do racismo através do que foi chamado por Freyre (2003) de *democracia racial*, a ideia de que existe igualdade entre as condições dispostas a todos os grupos.

Luiz Paulo Rosenberg, vice-presidente do Sport Club Corinthians Paulista no período de 2009 a 2012 também foi um dos entrevistados por Lefevre e Pontes (2009). Em seu depoimento, ele diz que:

Eu acho que os anos de discriminação, de corte de oportunidades foram muito intensos, muito marcantes. É um estigma que não sai naturalmente. Precisa haver uma mobilização, um trabalho muito claro voltado para isso. Eu sou totalmente favorável a esses mecanismos de cotas. Não pode deixar em igualdade de condições a competição quando um desses protagonistas saiu muito mais tarde na corrida. Eu acho que progressivamente isso está ocorrendo e, paralelamente, é indispensável um processo de criação de autoestima (ROSENBERG, 2009).

No depoimento de Rosenberg (2009), estão explícitas as *relações de sentido* explicadas por Orlandi (2007).

O antropólogo José Paulo Florenzano, especialista em questões sociais no futebol brasileiro, também no trabalho divulgado por Lefevre e Pontes (2009) diz que:

Indiscutivelmente, existe uma linha de cor que barra a ascensão profissional do ex-atleta negro que se prepara e se propõe como objetivo continuar dentro do futebol exercendo a função seja de treinador, seja de dirigente [...] a partir de 1970, da conquista do tricampeonato [mundial] é o atleta que passa a se tornar uma peça da engrenagem movida pelo treinador. O técnico acumula poder e, a partir daí, ele passa a expressar esse acúmulo de poder nos seus salários cada vez mais elevados [...] historicamente na nossa sociedade nós identificamos o branco no papel de comandante, de diretor e o negro na função de subalterno, de alguém que supostamente não reúne as condições para exercer um cargo de direção. Essas estruturas das relações raciais se reproduzem e a classe de dirigentes brasileira desempenha esse papel de reproduzir esse modelo (FLORENZANO, 2009).

Seguindo na linha de pensamento histórica, mencionada anteriormente por Rosenberg (2009) e Florenzano (2009), o doutor em Educação Física e Cultura Bruno Otávio Lacerda Abrahão, aprofunda a discussão em depoimento dado ao noticiário esportivo *Superesportes* em 2019:

No discurso nacionalista, a sociedade brasileira incluiu o negro, mas sempre em espaços definidos. No projeto de nação forjado no Brasil a partir dos anos 1930, atribuiu-se um novo olhar da mestiçagem, do negro, do mulato ligado aos atributos do corpo, da ginga. Com efeito, o futebol, a capoeira, o samba se tornaram espaços sociais de expressão da 'raça negra'. Por outro lado, este projeto distanciou o negro das atividades intelectuais. Embora necessitemos de mais estudos na área, pode-se notar no futebol essa falta de representatividade do negro nos cargos de comando, de responsabilidade [...] O lugar do negro no futebol sempre foi restrito. No processo de popularização do futebol, nos anos 1930, ele ganha o espaço nos clubes, mas não tem lugar na sede social, nos eventos da elite. O espaço dele é restrito ao campo de jogo. O mesmo pode ser visto na cúpula dos clubes: quem manda ainda é o homem, branco e heterossexual. Muitas vezes, a exceção que confirma a regra é usada para encobrir esse universo majoritariamente branco, caso do Roger, que é treinador (ABRAHÃO, 2019).

O discurso de Abrahão (2019) divaga sobre os espaços que os negros ocupavam no momento de transição do futebol, que deixava de ser amador para se tornar profissional. O lugar dos negros no esporte sempre foi restrito aos gramados e aos estereótipos que levam em consideração apenas os atributos físicos.

O jornalista esportivo Breiller Pires, hoje comentarista do canal *ESPN Brasil*, à época em que ainda integrava a redação da Revista Placar mostrou, em sua coluna,

uma matéria chamada “Me desculpe, você é preto: técnicos reclamam de racismo” onde expõe algumas das seguintes opiniões:

Técnicos negros, de fato, estão à margem da elite do futebol nacional. Apesar de todas as cinco formações da seleção brasileira que venceram a Copa do Mundo contarem com pelo menos cinco jogadores negros, apenas o ex-meia Didi construiu carreira notável como treinador. O cenário permanece estável. Não há um negro no banco dos times que disputam os campeonatos Paulista e Carioca deste ano, os principais estaduais do país. Entre os 40 técnicos que terminaram as séries A e B do último Brasileiro, somente Anderson Silva, do Ceará, era negro. Ele liderou o time como interino nas últimas rodadas da segunda divisão e, ao fim da competição, retornou ao posto de auxiliar (PIRES, 2013).

Em uma de suas matérias para o *El País*, Pires (2019) utiliza o termo “exceção da exceção” para se referir àquela que hoje ocupa o cargo de Coordenadora de Competições Femininas da CBF e em 2019 ocupava o cargo de Coordenadora de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol, Aline Pellegrino. Sendo mulher negra, “Pelle” se sente uma inspiração para mulheres e negros que almejam cargos de comando no esporte e afirma que o caminho dentro do futebol é mais difícil para negros do que para mulheres.

É bom ser esse exemplo. Eu acredito na conversa. Em mostrar pro outro que existe uma desigualdade. Será mesmo que é por acaso que temos poucos negros e mulheres nesses cargos? Se olharmos nossa história, vamos encontrar a resposta [...] dificilmente nossa geração vai presenciar essa mudança. A mulher, com muita luta, já começou a ter seu espaço reconhecido na sociedade. Mas os negros, não. E a gente ainda acha que não somos um país racista (PELLEGRINO, 2019).

Pellegrino (2019) parece se utilizar do mecanismo de *relação de força*, visto que possui o mais alto lugar de fala no quesito “minorias no futebol”.

O pentacampeão mundial José Vitor Roque Júnior se aposentou dos gramados em 2010. Logo após encerrar sua carreira como futebolista, Roque Júnior se dedicou a realizar os principais cursos para treinador da CBF e da UEFA, além de cursos de gestão esportiva. Entretanto, nunca recebeu uma oportunidade em um clube da elite do futebol brasileiro. Em 2013, recebeu uma oportunidade como diretor de futebol do Paraná Clube e também foi convidado pelo técnico Luiz Felipe Scolari para integrar a comissão técnica da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 2014, sendo responsável por analisar os adversários do Brasil. Após esse período, passou por clubes como XV de Piracicaba e Ituano, tendo conquistando um título neste último

clube, mas em ambos acabou demitido. No ano de 2021, foi confirmado como comentarista esportivo da Rede Globo de televisão. Pediu demissão em março de 2022 para se dedicar mais aos estudos e retomar a carreira de gestor no futebol. Em uma entrevista dada a ESPN Brasil em 2020, Roque Júnior declara que:

Claro que acho que poderia ter tido oportunidades em clubes maiores. Mas continuo trabalhando, seguindo meu caminho e me aprofundando [...] hoje, no país, você vê que nós temos mais de 55% da população brasileira que não é branca, e você vê uma grande massa trabalhando em cargos subalternos. Você não tem a grande maioria [que teria que ser, se fosse proporcionalmente] em cargos de liderança. No futebol a mesma coisa, você pode servir como exemplo para a sociedade. Mas não é o que acontece no futebol brasileiro (ROQUE JÚNIOR, 2020).

O discurso dado por Roque Júnior, parece mostrar que o futebol poderia servir como uma ferramenta de transformação da sociedade, como já foi em outros tempos. Entretanto, as estruturas e sistemas já formatados no meio, não permitem que as mudanças sejam efetivas.

Roque Júnior, em 2019, já havia dado entrevistas aos jornais “O Globo” e “*El País*” sobre o tema. Em ambos depoimentos, ele enfatiza os aspectos históricos e sociais como principais fatores para a baixa representatividade negra nos cargos de comando do futebol brasileiro.

Não houve, na história do Brasil, a preocupação em inserir o negro de fato na sociedade, de dar a ele acesso à educação e ao mercado de trabalho. Isso contribuiu decisivamente para um cenário de perpetuação de pobreza [...] não deveria ser necessário que um negro precisasse ter uma carreira de sucesso no futebol para investir na própria educação (ROQUE JÚNIOR, 2019a).

O futebol reflete a sociedade. Não temos muitos negros em postos importantes de comando no país [...] eu convivo com o racismo desde pequeno. Já foi mais difícil a inserção do negro como jogador. Agora, são os treinadores e dirigentes que enfrentam essa barreira (ROQUE JÚNIOR, 2019b).

É possível perceber nas falas de Roque Júnior (2019a; 2019b) a mesma conotação, onde ele parece acreditar que os fatores preponderantes para a baixa representatividade são ligados aos aspectos históricos e sociais.

De acordo com pesquisas preliminares realizadas pelo autor do presente trabalho, o único presidente autodeclarado negro encontrado em um clube das séries A e B do campeonato brasileiro de futebol no século XXI foi Sebastião Arcanjo, o

Tiãozinho, que dirigiu a Associação Atlética Ponte Preta de 2019 a 2021. Em entrevista dada ao canal ESPN Brasil, Tiãozinho disserta que:

Foram 350 anos de escravidão no Brasil. Nós promovemos o maior tráfico humano do planeta, sem fazer reparações, negando o acesso à terras, negado o acesso à educação [...] e quando falamos de direção nós estamos falando de capacidade de mando. E quem mandou no Brasil durante muito tempo foram os senhores de escravo, donos de engenho, com poder econômico e que acostumou a mandar. E que não acostumou a receber ordens de alguém que não saia do mesmo local, que tenha as mesmas condições econômicas que ele possui. Receber ordens de um negro como eu, onde já se viu isso? (ARCANJO, 2020)

Mais uma vez parece ser utilizada a *relação de força* em um discurso, onde há um lugar de fala bastante presente no depoimento da personalidade.

O ex-lateral e atual comentarista “Maestro” Júnior, também se posiciona em relação aos porquês da baixa representatividade negra em cargos que não sejam subordinados:

É mais difícil porque, no Brasil, o negro geralmente vem de baixa renda [...] e ainda tinha gente dentro do clube que dizia que o Flamengo não podia ser comandado por um negro (JÚNIOR, 2019).

Na fala de Júnior (2019), há uma menção ao Clube de Regatas Flamengo que, no ano de 2009, foi campeão brasileiro sendo comandado por um treinador negro.

O secretário nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial Juvenal Araújo Júnior, em entrevista ao GE, entende que é necessário um combate mais ostensivo por parte das instituições esportivas.

A cúpula dos clubes de futebol reflete o racismo existente na sociedade de maioria negra, mas essa maioria se torna uma minoria quando se trata de uma representação de poder no Brasil. Os clubes de futebol precisam colocar o tema racial em pauta e observar a necessidade da representatividade dos torcedores do País, que são majoritariamente negros. A conscientização da existência do racismo precisa ser urgente para que ele seja combatido também internamente (ARAÚJO JÚNIOR, 2017).

Nota-se, no discurso de Araújo Júnior (2017), uma preocupação com a falta de conscientização por parte dos clubes de futebol que ainda são dirigidos, quase que em sua totalidade, por pessoas brancas que não possuem preocupações com questões sociais.

Denaldo Alchorne, pós-doutor em História pela Universidade de São Paulo e pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades

Lúdicas, relembra casos históricos que também ajudaram a criar o futebol brasileiro e apresenta as prováveis causas, na sua visão, da baixa representatividade negra em cargos de comando.

Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, o grande craque brasileiro da Copa de 1938, elogiado por governantes durante o Estado Novo, e condenado à prisão de oito meses pelo mesmo regime político. Ou dos atletas que disputaram a Copa de 1950, aqui no Brasil. Antes da derrota para os uruguaios, a seleção brasileira era a prova definitiva do fim do racismo e da consolidação da ‘democracia racial’. Após o jogo, Barbosa e Bigode, dois jogadores negros, se tornaram os grandes responsáveis pela derrota da equipe. Ou de Pelé, “o maior craque de todos os tempos”, que realmente sempre teve orgulho de ser negro, mas que também fez inúmeras declarações afirmando que não havia racismo no Brasil. Ou mesmo de Neymar, que afirmou quando ainda era um garoto que não era preto [...] não se discute as razões históricas da baixa escolaridade da população negra no Brasil, apenas apresentam o dado [...] outro exemplo é você argumentar que existem poucos dirigentes esportivos negros porque eles não possuem habilidade para o comando. Tais detratores esquecem de dizer que a história do comando esportivo no Brasil é uma história coronelística. As mesmas personalidades e famílias se perpetuam no poder das federações e confederações, transformando-as em extensões de suas casas, privatizando uma prática que deveria ser pública (ALCHORNE, 2016).

Atualmente, um dos maiores representantes de pessoas negras em cargos de comando é o treinador Roger Machado. Roger Machado, que é o treinador negro mais bem-sucedido da atualidade no futebol brasileiro, até o presente momento é técnico do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre. No ano de 2019, ainda dirigindo a equipe do Esporte Clube Bahia, Roger deu uma entrevista coletiva após o jogo contra o Fluminense *Football Club*.

É algo que chama atenção, na medida em que a gente tem mais 50% da população negra, a proporcionalidade que se representa não é igual. Acho que a gente tem que refletir e se questionar. Se não há preconceito no Brasil, por que os negros têm o nível de escolaridade menor que dos brancos? Por que 70% da população carcerária é negra? Por que quem mais morre são os jovens negros? Por que os menores salários são para os negros. Por que entre as mulheres, as que mais morrem são negras? (MACHADO, 2019a).

A fala de Roger repercutiu e repercute até hoje, fazendo com que ele seja considerado um dos mais expressivos ativistas das minorias no futebol brasileiro. Na mesma oportunidade, Roger continua a tratar sobre o tema da desigualdade racial.

Negar e silenciar é confirmar o racismo. Eu sinto que há racismo quando eu vou ao restaurante e só tem eu de negro. Na faculdade que eu fiz, só tinha eu de negro. Isso é a prova para mim. Mas, mesmo assim, rapidamente, quando a gente fala isso, ainda tentam dizer: “Não há racismo, está vendo?”

Você está aqui”. Não, eu sou a prova de que há racismo porque eu estou aqui (MACHADO, 2019b).

Nestas falas, pela primeira vez uma pessoa em um cargo de comando de um clube brasileiro se posiciona de forma aberta para a imprensa esportiva brasileira. E esses não foram os únicos depoimentos dados pelo técnico Roger Machado. Em outro momento, dessa vez para o canal televisivo *ESPN* Brasil, o técnico se posiciona com um novo discurso, mas mantendo a linha de pensamento.

Quando o campo se encerra e você deseja se alçar a uma outra hierarquia dessa estrutura social que é o futebol, negros e brancos acabam tendo diferentes espaços e oportunidades no que diz respeito a isso [...] quando eu me deparo com algumas críticas relacionadas à minha capacidade de gestão, na minha opinião muitos elementos dela estão ligados a essa questão, pois a capacidade de gestão está ligada à capacidade intelectual, remete à capacidade racional e nessa questão a nossa história conta justamente que os negros teriam mais dificuldade em aspectos ligados à intelectualidade (MACHADO, 2020).

É possível perceber as *relações de força* (ORLANDI, 2007) utilizadas por Roger em todos seus discursos, visto que o mesmo possui lugar de fala e autoridade para dissertar sobre o assunto e suas estruturas. Essa reflexão anterior realizada por Roger Machado encontra suporte no discurso realizado por Paulo César Tinga, ex-jogador que já passou por uma grande experiência como dirigente e atualmente foca no mercado de administração de carreiras de atletas de futebol. Tinga já foi vítima de racismo dentro de campo, mas reconhece que, mesmo com todas as adversidades, é um privilegiado dentro do esporte.

Acho que isso é uma coisa que acontece em todas as áreas do trabalho. Pessoalmente, não posso reclamar de nada, já que me foi dada a oportunidade e ela foi muito proveitosa tanto para o clube, já que fomos campeões, quanto para mim. Mas acho intrigante saber que nossos melhores jogadores são negros, tem raízes negras. O melhor jogador da história, Pelé, é negro. Se você pegar todos os jogadores brasileiros eleitos melhores do mundo [Romário, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho e Kaká], apenas o Kaká não é negro ou pardo. Mas em cargos de diretoria você não encontra. É intrigante isso. Eu vejo de duas formas. Primeiro, será que as pessoas estão preparadas para ser dirigidas por negros? Talvez não. E a outra é será que as pessoas negras enxergam que vão ter essa oportunidade, por esse histórico de apenas brancos, e se preparam para isso? Isso me incomoda (TINGA, 2019).

Analisando o discurso de Tinga, percebe-se a valorização das qualidades dos negros como atletas e duas críticas feitas em forma de perguntas: no questionamento

referente à possibilidade de as pessoas estarem preparadas para serem dirigidas por negros, Tinga manifesta uma preocupação sobre uma certeza. Fazendo o contraste, Tinga também critica a provável falta de preparação de pessoas negras para assumirem cargos de comando, justamente por não enxergarem que possam ter oportunidades de comandar ou dirigir uma equipe de futebol.

Corroborando com os expostos de Roger Machado (2020) e Tinga (2019), Santos (2011) cita que “geralmente, na academia brasileira, os afrodescendentes são tratados como dependentes do conhecimento do colonizador eurocêntrico”. Esse pensamento pode auxiliar na interpretação dos porquês de haver dúvidas em relação a capacidade intelectual de pessoas negras. Hooks (1995) já analisava e enaltecia intelectuais negras no século passado, o que pode minimizar o pensamento de que o negro depende do conhecimento do branco citado por Santos (2011).

O técnico Cristóvão Borges, atualmente sem clube, no ano de 2015 foi convidado a dar uma entrevista para o canal televisivo *ESPN* Brasil. Nessa entrevista, ainda treinador do Clube de Regatas Flamengo, Cristóvão diz que:

O racista vê o negro como uma pessoa que deve dizer “amém”, que não deve se colocar. E eu sou a antítese disso, eu me coloco, tenho posição e defendo minhas convicções. Então para eles, eu sou tido como um intruso, abusado, porque cheguei em uma posição e contesto se achar que estiver errado (BORGES, 2015).

Essa fala de Cristóvão Borges surgiu após uma enxurrada de críticas sistemáticas ao seu trabalho por parte da mídia e da torcida flamenguista, o que acabou sendo entendido pelo mesmo como um tipo de perseguição.

Pires (2013) expõe o caso do técnico Lula Pereira que passou por situações semelhantes às de Cristóvão Borges. Após 6 jogos no comando técnico do Ceará Sporting Clube com quase 78% de aproveitamento, foi demitido e permaneceu 12 meses no ostracismo, sem exercer sua profissão. Segundo Pires (2013), Pereira (2013) diz que:

Já ouvi de empresários: “O pessoal do clube gostou do seu perfil, mas, me desculpe, você é preto” (PEREIRA, 2013).

A declaração de Pereira (2013) é constitutiva para entender a experiência direta de um representante negro no futebol brasileiro que se sentiu injustiçado. Mesmo

tendo qualidades, tendo comandado boas campanhas e tendo um bom perfil, não poderia assumir o cargo em razão da cor da sua pele.

Também em 2013, o consagrado ex-jogador Paulo César Caju, quando perguntado sobre a existência de preconceito racial contra treinadores negros dispara:

[existe preconceito] E muito. Nunca tivemos um treinador negro na seleção. E vem lá da década de 30. Leônidas era negro. Zizinho foi outro. E o Didi? Teve de comandar o Peru, a Turquia. O Pelé nunca foi chamado para a seleção. Cadê o Djalma Santos? O Claudio Adão jamais teve oportunidade. Cadê o Andrade, que foi campeão brasileiro? (CAJU, 2013).

Caju (2013) expressa uma possível indignação contra o que ele parece acreditar ser uma injustiça, visto que alguns dos citados teriam capacidade de ter oportunidades para além dos gramados. Porém, as trajetórias se limitaram a, no máximo, comandar equipes de pouca expressão e por pouco tempo, como foi o caso do ex-jogador Didi (*in memoriam*) que foi campeão peruano, bicampeão turco, levou a seleção peruana à sua primeira Copa do Mundo em 1970 desde a disputa da Copa de 1930, mas não conseguiu uma oportunidade de mais de uma temporada em alguma equipe de expressão no futebol brasileiro. Ou o caso do também ex-jogador Claudio Adão que comandou oito clubes de futebol profissional com pouca expressão no cenário nacional e não recebeu sequer uma oportunidade de dirigir os clubes onde fez história, como Santos, Flamengo, Corinthians e Botafogo.

Na mesma entrevista onde havia explorado as qualidades dos negros através dos *mecanismos de antecipação* (ORLANDI, 2007), Cunha declara que:

Os clubes não tem dirigentes negros porque a maioria dos clubes foram fundados por aristocratas, pessoas de famílias tradicionais e essa sequência quase que monárquica vai acompanhando a descendência. Mas já começa a raça negra a entrar dentro dos clubes, ocupar o espaço dentro dos clubes, mas isso tem pouco tempo (CUNHA, 2009b).

Nesse segundo discurso, Cunha (2009b) parece se contradizer ao afirmar que existe uma sequência “quase que monárquica” que vai definindo os cargos de comando dentro dos clubes de futebol do Brasil com o passar dos anos, visto que em seu primeiro discurso ele enaltece as qualidades dos negros e ressalta possíveis defeitos dos brancos que tentam trabalhar com o futebol.

O jornalista esportivo Juca Kfourir, ao ser perguntado por Lefevre e Pontes (2009) “se um ex-jogador consagrado que mexesse nessa ferida [da baixa

representatividade negra nos cargos de comando do futebol] seria boicotado?”, responde:

Completamente boicotado. O jogador que mexer nessa ferida será boicotado independentemente da história dele. Reitero para você: o Ronaldo Fenômeno se disse branco, tá? [...] o que é um rigoroso absurdo, em se tratando do século XXI. Mas este é o Brasil que nós temos, um país extremamente preconceituoso e que não admite ser tratado como tal. O que apenas reforça esse preconceito (KFOURI, 2009).

Kfourri, que não é negro e é um representante da mídia responsável por comentar o futebol brasileiro, se compromete sem nenhum receio de haver possíveis retaliações por parte de seus superiores.

No ano de 2019, o técnico Marcão – que comandava o Fluminense como técnico interino – em entrevista à Folha de São Paulo, deu as seguintes declarações:

Há algo que sempre falo: se capacite. Não adianta dizer que alguém precisa de espaço e não se capacitar, não buscar. Mas vejo vários treinadores que são negros, altamente capacitados, sem oportunidade ou que não recebem a chance que muitos têm. Por isso, digo que meu clube é maravilhoso. O Roger esteve aqui, mas isso precisa tocar mais os outros clubes, também. Não é pela cor da minha pele que devo ser excluído ou colocado. Olharam para mim e me viram capaz [...] realmente, ficamos muito felizes por termos representado tão bem essa questão. Hoje me alegro de ser um representante negro (na Série A), falo com orgulho sobre o assunto, mas por outro lado precisamos pensar. Cadê o Cristóvão (Borges)? O Andrade, que foi campeão brasileiro e não teve mais oportunidade? Não faz sentido. Em qualquer outra situação, estaria dirigindo uma outra equipe. Por que isso acontece? Por que somos negros? Levantem o treinador que foi campeão de qualquer país (e que tenha sumido). Cadê o homem (o Andrade)? Esses detalhes que percebemos deixam claro que há uma resistência (contra técnicos negros), mas meu clube é exemplo, luta contra isso (MARCÃO, 2019)

A entrevista de Marcão (2019) repercutiu de tal forma que chegou até o comando técnico da Seleção Brasileira de futebol. O técnico Tite, em entrevista coletiva, foi perguntado sobre sua visão a respeito do assunto e disse:

Eu luto e lutei a minha vida toda contra a minha ignorância. Procurar ler, aprender e estudar. E contra a hipocrisia, brincar de faz de conta. Prefiro não responder quando não quero. Há sim um preconceito estrutural. O que posso dizer é que tenho um respeito muito grande. Um dos principais atletas que já trabalhei chama-se Roger Machado. Pela conduta, momentos bons e difíceis. Devemos lutar contra sim, pois há um preconceito em relação ao técnico negro (TITE, 2019).

Auxiliar de Tite, o ex-jogador César Sampaio estava presente na mesma entrevista coletiva e também se posicionou sobre o assunto:

Durante muito tempo, nós, negros, fomos cerceados em alguns direitos. Em todos os segmentos. A globalização trouxe à tona com alguns absurdos. Me sinto muito feliz de ocupar este espaço e capaz de estar aqui. Falo para a classe negra em geral que eles possam lutar. Sou um defensor de que esse espaço aqui não tenha cor, mas que todo capaz possa ocupar (SAMPAIO, 2019).

Mais uma vez, é possível perceber o *mecanismo de antecipação* (ORLANDI, 2007) nos discursos de Tite (2019) e Sampaio (2019).

Em contrapartida aos discursos já apresentados até aqui, o diretor de futebol do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre em 2017, Deco Nascimento, deu uma declaração que, na visão dele, exclui as possibilidades de a baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol brasileiro ser uma consequência do racismo estrutural.

A ausência de negros em cargos de gestão no futebol passa pela falta de formação e capacitação, antes da discriminação. À medida que os negros se capacitarem com excelência para estes cargos, certamente aumentará bastante a ocupação neste nicho de mercado. No ambiente corporativo privado, temos que ter boa formação e capacitação adequada às funções de gestão. Esta capacitação e boa formação talvez não sejam a garantia para vencermos a barreira da discriminação, mas é fundamental, para enfrentarmos isto (NASCIMENTO, 2019).

Na fala de Nascimento, existe uma visão simplista que transfere a culpa da baixa representatividade para a falta de capacitação e formação para o próprio negro. E é o que também parece pensar o ex-técnico Valmir Louruz (*in memorian*) que em 2013 disse:

Eu nunca tive problema [com racismo]. Ser técnico é difícil para qualquer pessoa. É uma profissão de muita rotatividade e pouca estabilidade (LOURUZ, 2013).

Em concordância com os discursos de Nascimento (2019) e Louruz (2013), o ex-jogador e treinador Sérgio Bernardino, o “Serginho Chulapa” (2013) comenta que a baixa representatividade negra em cargos de comando é apenas uma coincidência:

[...] é uma coincidência. Não existe preconceito, mas sim uma preguiça do negro. O convite não vai chegar em casa. Não adianta fazer movimento. A classe [dos técnicos] é desunida. [...] Existem grandes ex-jogadores negros com capacidade para treinar. Mas falta interesse do negro. Se não se preparar, não vai ter espaço (BERNARDINO, 2013).

Bernardino (2013), que é negro de pele escura, parece se utilizar de uma *relação de força* (ORLANDI, 2007) em seu discurso, pois teoricamente está em seu lugar de fala. Entretanto, o discurso de Bernardino (2013) é raso e inconsequente, podendo legitimar o pensamento de dirigentes brancos a respeito de técnicos negros. Cabe salientar que Sérgio Bernardino, mesmo tendo uma carreira de relevância enquanto jogador de futebol na década de 80, não conseguiu oportunidades efetivas para comandar equipes de futebol com relevância no cenário nacional por mais de uma temporada consecutiva.

O ex-jogador Andrade foi o primeiro treinador negro a se sagrar campeão da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol após uma campanha irretocável no ano de 2009. Nessa temporada, Andrade assumiu o comando técnico do Clube de Regatas Flamengo como treinador efetivo após sair do cargo de treinador interino. Andrade, em entrevista ao noticiário esportivo *Superesportes*, evita colocar a culpa dessa falta de representatividade de pessoas negras nos cargos de comando do futebol brasileiro no racismo.

Parte dessa culpa é da gente [negro], por não ter se preparado para isso. Se um negro se preparar, se tem convicção naquilo, ele consegue. Assim, como há muitos treinadores negros desempregados, também há brancos (ANDRADE, 2019).

Tonini (2019b) analisa a fala de Andrade como uma forma de culpabilizar o próprio negro pelo racismo que sofre.

Duas das características mais notáveis do racismo à brasileira são exatamente a negação deste fenômeno e a introjeção das ideologias raciais do branco. Ambas acarretam tanto o enfraquecimento da identidade negra quanto a falta de consciência social do negro (TONINI, 2019b).

Antonio Roque Citadini, outro ex-dirigente do Sport Club Corinthians Paulista, ao ser perguntado dos porquês de não haver negros no comando do futebol brasileiro dispara:

Acho que muitos não se preparam. Agora, entre um branco não preparado e um negro não preparado, o negro perde. Quer dizer: se tiver um branco bem preparado e um negro bem preparado, pode ser que os dois tenham [oportunidades]. Mas, como regra, eles [negros] não são preparados (CITADINI, 2009).

Essa entrevista de Citadini, também encontrada no trabalho de Lefevre e Pontes (2009) é reflexo do que pode se passar pela cabeça de muitos dirigentes do futebol brasileiro até os dias atuais.

Traçando um paralelo entre o que foi exposto acima por Citadini (2009) e a realidade, é possível citar os casos dos ex-jogadores Roque Júnior e Tinga. Ambos negros de pele escura, carreiras vitoriosas enquanto atletas e optaram por se dedicar aos estudos depois de pendurar as chuteiras. Entre cursos na Europa e no Brasil, tiveram algumas portas fechadas em razão do uso de *dreadlocks*, um tipo de penteado típico da cultura afro. Ambos já chegaram a relatar as sugestões que receberam, por parte de mandatários de clubes, para cortar o cabelo.

O jornalista Paulo Vinícius Coelho (2020), em sua coluna para o GE, apresenta dados curiosos em relação às oportunidades dadas aos treinadores estrangeiros e treinadores negros no futebol brasileiro. De acordo com seus achados, apenas três dos doze clubes analisados deram mais oportunidades a treinadores negros do que a treinadores estrangeiros.

### **Recomendações práticas**

Baseado nos achados da literatura e em órgãos especializados nas questões sociais e raciais do Brasil, é possível sugerir algumas recomendações práticas para o combate ao racismo institucional no esporte:

- ❖ De acordo com Tonini (2017), recomenda-se que os clubes criem ações internas e coletivas para dialogar sobre esse problema. Programas de capacitação profissional e, até mesmo, incentivar a qualificação acadêmica para ex-jogadores que tenham interesse em atuar nos cargos de gestão.
- ❖ Por parte do principal órgão que rege o futebol brasileiro, a CBF, poderiam ser utilizadas políticas de ações afirmativas para as minorias que tivessem como objetivo realizar os cursos da CBF Academy, os quais atualmente ultrapassam em mais do que quatro vezes o salário mínimo mensal brasileiro.

- ❖ Também é possível sugerir, a exemplo da NFL e da EFL com a *Rooney Rule*, que os clubes entrevistem ao menos um candidato proveniente de minorias étnicas para cargos administrativos.

### **Limitações**

Apesar de, possivelmente, haver diversas personalidades do esporte que queiram se posicionar, é difícil encontrar pessoas do meio que se posicionem sobre o assunto “racismo no futebol”. Os receios em relação a possíveis retaliações, fazem com que as pessoas evitem comentar sobre o assunto. Também é necessário ressaltar que, quem comenta sobre o assunto, ainda precisa ter muita cautela.

A falta de embasamento em alguns dos discursos, tidos através de experiências particulares, mostram uma lacuna que pode ser explorada em próximos estudos: entrevistas semiestruturadas com o objetivo de coletar informações mais assertivas e menos subjetivas. As entrevistas coletadas pelo presente trabalho, foram feitas em sua maioria por jornalistas que tinham por objetivo, possivelmente, encorajar posicionamentos.

## 6 CONCLUSÃO

Conclui-se que os principais fatores relacionados à baixa representatividade negra em cargos de comando estão ligados aos aspectos históricos que desencadearam a desigualdade social. Outro fator constantemente lembrado foi relacionado ao preconceito racial direto contra a pessoa negra por conta de cor da pele, tipo de cabelo e demais características fenotípicas.

Em contrapartida, alguns discursos consideram, como fator preponderante para essa baixa representatividade negra, a baixa qualificação profissional e/ou acadêmica por parte das pessoas negras, sem considerar os aspectos históricos que essa baixa qualificação possa envolver.

O último fator provável para a baixa representatividade negra em cargos de comando no futebol brasileiro remete ao sucesso esportivo dos jogadores negros durante a sua carreira profissional como atleta, o que poderia diminuir o interesse ou a necessidade de ex-jogadores negros buscarem novas experiências esportivas como treinadores ou gestores administrativos dentro do futebol.

Por fim, entende-se que as visões simplistas encontradas nos discursos sobre “baixa qualificação” e “sucesso prévio” nada agregam no debate e no combate às diversas manifestações de racismo institucional e ao preconceito racial. Visões como as de Marcel Tonini (2017; 2019) e Marcelo Carvalho (2017; 2019; 2022), cientificamente embasadas e respaldadas pela literatura, podem ser as mais próximas da realidade e que realmente façam a diferença na luta diária contra o racismo.

## REFERÊNCIAS

**A desigualdade de renda no Brasil é alta; diferenças devem se aprofundar na crise do novo coronavírus.** Voz da Bahia. 2020. Disponível em:

<<https://vozdabahia.com.br/a-desigualdade-de-renda-no-brasil-e-alta-diferencas-devem-se-aprofundar-na-crise-do-novo-coronavirus/>.> Acesso em: 15 jun. 2022.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; PAOLI, Próspero Brum; SOARES, A. J.

Identities raciais e identidades nacionais: as representações do corpo negro na construção do estilo brasileiro de jogar futebol. **Movimento**, [S. l.], v. 17, n. 2, p.

195–210, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.19345. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/19345>. Acesso em: 7 jul. 2022.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O futebol

na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “Pretos x

Branços”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 1, p. 47–61, jan./mar. 2012.

AGÊNCIA BRASIL (São Paulo). **Negros enfrentam mais dificuldades que**

**brancos no mercado de trabalho, diz MPT.** 2017. Disponível em: Acesso em: 09 jun. 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo e Política. In: ALMEIDA, Silvio. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018. p. 65-90.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo : Pólen, 2019.

ANJOS, José Carlos dos. Brasil: uma nação contra sua minorias. **Revista de**

**Psicanálise da SPPA**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 507-522, dez. 2019.

ASSUMPÇÃO, Luiz Otávio Teles. Superesportes (ed.). **Séries A e B do Brasileiro não têm treinadores negros.** 2018. Disponível em:

<https://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol->

nacional/2018/11/20/noticia\_futebol\_nacional,63439/series-a-e-b-nenhum-treinador-negro.shtml. Acesso em: 21 jun. 2022.

AZEVEDO, Roanna. **Quem é Silvio de Almeida, autor do livro ‘Racismo Estrutural’?** Hypesess. 2021. Disponível em:

<<https://www.hypesess.com.br/2021/12/quem-e-silvio-de-almeida-autor-do-livro-racismo-estrutural/>> Acesso em: 10 jun. 2022.

BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo:** branquitude e poder nas organizações empresárias e no poder público, São Paulo, 2002, p. 169

**Biografia do Presidente - Ednaldo Rodrigues.** CBF. 2022. Disponível em:

<<https://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional/presidente-biografia/biografia-do-presidente>> Acesso em: 16 jun. 2022.

BRADBURY, Steven. Institutional racism, whiteness and the under-representation of minorities in leadership positions in football in Europe. **Soccer & Society**, v. 14, n. 3, p. 296- 314, 2013. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14660970.2013.801262>. Acesso em: 12 jul. 2022

BRADBURY, Steven; VAN STERKENBURG, Jacco; MIGNON, Patrick. The under-representation and experiences of elite level minority coaches in professional football in England, France and the Netherlands. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 53, n. 3, p. 313-334, 2018. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1012690216656807>. Acesso em: 12 jul. 2022.

**Branços ganham em média 69,3% mais do que pretos e pardos, diz IBGE. Carta Capital.** 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/brancos-ganham-em-media-693-mais-do-que-pretos-e-pardos-diz-ibge/>> Acesso em: 20 jun. 2022.

BRITO, Débora. **Cotas foram uma revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista**. Documento eletrônico. 27 mai. 2018. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CASHMORE, Ellis; CLELAND, Jamie. Why aren't there more black football managers? **Ethnic And Racial Studies**. Londres, p. 1594-1607. 01 jul. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01419870.2011.595556>. Acesso em: 16 fev. 2022.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, p.741-748, 2009.

CEPINHO, Bianca; MENNOCCHI, Lauren. O Racismo Institucional no mercado de trabalho: uma revisão integrativa de literatura. In: XXII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e VIII Encontro de Iniciação à Docência. 2018, Paraíba. **Anais [...]**. Paraíba: UNIVAP, 2018. p. 1-6. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2018/anais/arquivos/RE\\_0483\\_0340\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_0483_0340_01.pdf). Acesso em: 10 jun. 2022.

CECONELLO, Douglas. **O exemplo de Roger Machado e o dedo na ferida do racismo à brasileira**. Globo. 2022. Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/meia-encarnada/post/2022/04/29/o-exemplo-de-roger-machado-e-o-dedo-na-ferida-do-racismo-a-brasileira.ghtml>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

**Com Bolsonaro, há uma “autorização” para o racismo, diz Roger Machado**. AFP. 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/com-bolsonaro-ha-uma-autorizacao-para-o-racismo-diz-roger-machado/>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

COELHO, Paulo Vinícius. Globo Esporte (ed.). **Clubes brasileiros deram mais chance a técnicos estrangeiros do que aos negros em 120 anos de futebol.** 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-pvc/post/2020/06/12/clubes-brasileiros-deram-mais-chance-a-tecnicos-estrangeiros-do-que-aos-negros-em-120-anos-de-futebol.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Ednaldo Rodrigues é eleito Presidente da CBF.** CBF. 2022. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/ednaldo-rodrigues-e-eleito-presidente-da-cbf>.> Acesso em: 16 jun. 2022.

CURI, Martin. Arthur Friedenreich (1892–1969): a Brazilian biography. **Soccer & Society**, v. 15, n. 1, p. 19-28, 2014.

DAMATTA, Roberto. **Esporte na sociedade:** um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.) *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p.13-41.

DOMINGUES, P. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, v. 16, n. 30, p. 215-250, 2009.

ESTEVES, Emerson Maciel; BELEM, Vitor Curvelo Fontes. Racismo no futebol e televisão: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo em casos de racismo no futebol brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0577-1.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão européia do livro, 1972.

FERRARA, M. N. **A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FIFA. Wikipedia. **Melhor Jogador do Mundo pela FIFA**. 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Melhor\\_Jogador\\_do\\_Mundo\\_pela\\_FIFA#Vencedores\\_e\\_finalistas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Melhor_Jogador_do_Mundo_pela_FIFA#Vencedores_e_finalistas). Acesso em: 31 jan. 2022.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLORENZANO, José Paulo. **A ordem natural das coisas**. 2018. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/ordem-natural-das-coisas/>. Acesso em: 22 jun. 2022

FLORENZANO, José Paulo. **O Comandante Negro**. 2018. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/comandante-negro/>. Acesso em: 22 jun. 2022

FRANCE24. **El fútbol de Brasil da la espalda a los técnicos negros**. 2022. Disponível em: <https://www.france24.com/es/minuto-a-minuto/20220428-el-f%C3%BAtbol-de-brasil-da-la-espalda-a-los-t%C3%A9cnicos-negros>. Acesso em: 13 jun. 2022.

FRANCO, Giullya. **História do Futebol**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/historia-do-futebol.htm>. Acesso em 02 de junho de 2022.

FRANCO, Nara. **Shorty crowned king of the world - How Romario won the Ballon d'Or**. Goal. Disponível em: <https://www.goal.com/en-us/news/3296/brazil/2016/01/06/19027962/shorty-crowned-king-of-the-world-how-romario-won-the-ballon>.> Acesso em: 11 jun. 2022.

FREITAS JR, Miguel. **A crônica esportiva e os indícios de racismo na sociedade brasileira da década de 1950.** XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala:** Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. Recife: Global, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** São Paulo: Maia & Schmidt, 1933. 768 p.

FRIZON, Jaqueline; COUTO, Camille; ARAÚJO, Thayana. **Mulher de 86 anos é resgatada após 72 anos de trabalho em condições análogas à escravidão.** CNN. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulher-de-86-anos-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-em-condicoes-analogas-a-escravidao/>> Acesso em: 16 jun. 2022.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Guia de Enfrentamento do Racismo Institucional.** [s.l]: Trama Design, 2013. Disponível em: . Acesso em 10 jun. 2022.

**Gestão de Futebol.** CBF. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/cursos/24-gestao-de-futebol.>> Acesso em: 16 jun. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOAL. **Shorty crowned king of the world - How Romario won the Ballon d'Or.** 2016. Disponível em: <https://www.goal.com/en-us/news/3296/brazil/2016/01/06/19027962/shorty-crowned-king-of-the-world-how-romario-won-the-ballon>. Acesso em: 13 jun. 2022.

GOBINEAU, Arthur de. **The Moral and Intellectual Diversity of Races**. [S.L]: Literary Licensing, Llc, 2014. 516 p. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dhFBDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=gobineau&ots=qSYEB1Ltmj&sig=6FYQnymEv2\\_2NBqs7UKcibgqD0s#v=onepage&q=gobineau&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dhFBDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=gobineau&ots=qSYEB1Ltmj&sig=6FYQnymEv2_2NBqs7UKcibgqD0s#v=onepage&q=gobineau&f=false). Acesso em: 16 jul. 2022.

GLOBO ESPORTE. **Ponte tem o único presidente negro entre Séries A e B: "É uma fotografia do Brasil", diz Tiãozinho**. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/times/ponte-preta/noticia/ponte-tem-o-unico-presidente-negro-entre-series-a-e-b-e-uma-fotografia-do-brasil-diz-tiaozinho.ghtml>. Acesso em: 16 jun. 2022.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil** - Uma História da Maior Expressão Popular do País. Contexto, 2009.

GUIMARÃES, Arthur Silveira; GUIMARÃES, Matheus Silveira. O NEGRO NO FUTEBOL DOS BRANCOS: o caso marcante de Arthur Friedenreich.. **Dossiê Pensamento Brasileiro**, João Pessoa, v. 3, n. 16, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/issue/view/2355>. Acesso em: 05 jul. 2022.

HELAL, Ronaldo. **Mídia, construção da derrota e o mito do herói**. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº2, pp.464-478.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. n. 41. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 12 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>. Acesso em: 28 dez. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Algumas características da força de trabalho por cor ou raça. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: Acesso em: 10 fev. 2022.

JANONE, Lucas; BARRETO, Elis. **Futebol sul-americano tem recorde de casos de racismo em 2022, aponta observatório**. CNN. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/futebol-sul-americano-tem-recorde-de-casos-de-racismo-em-2022-aponta-observatorio/>.> Acesso em: 26 jun. 2022.

JORNAL DOS SPORTS. **Scratch brasileiro viaja para a Europa sob suspeita dos torcedores**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958. p.1-5.

KAMPFF, Andrei. Lei em Campo. **Inglaterra tem regra para inserir negros no comando do futebol**. 2020. Disponível em: <https://leiemcampo.com.br/inglaterra-tem-regra-para-inserir-negros-no-comando-do-futebol/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

KEINDÉ, Wlange; MELLO, Vitor Rebello Ramos. Relações étnico-raciais na Argentina:: história, desigualdades e resistência. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 50, n. 3, p. 349-371, ago. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7167787>. Acesso em: 12 jul. 2022.

KERALI, Bryan Swanson And Husmukh. **Rooney Rule**: Premier League chief executive Richard Masters says there is no plan to introduce scheme. Sky Sports. 2020. Disponível em: <https://www.skysports.com/football/news/11661/12008189/rooney-rule-premier-league-chief-executive-richard-masters-says-there-is-no-plan-to-introduce-scheme.>> Acesso em: 10 jun. 2022.

**Licença A.** CBF. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/cursos/14-licenca-a>.> Acesso em: 16 jun. 2022.

**Licença B.** CBF. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/cursos/11-licenca-b>.> Acesso em: 16 jun. 2022.

**Licença C.** CBF. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbfacademy/pt-br/cursos/12-licenca-c>.> Acesso em: 16 jun. 2022.

LIMA, Dirceu. **Uma breve história sobre o racismo no Brasil.** [S.L.], 2019. P&B.

Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=Pd\\_qvulFMuY&list=PLdsMenwZ260Swv9J\\_XXdk4BR7hTUqetBN&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=Pd_qvulFMuY&list=PLdsMenwZ260Swv9J_XXdk4BR7hTUqetBN&index=5). Acesso em: 20 maio 2022.

LISE, R. S. et al. O caso Tinga: análise de (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 821-833, 2015.

LÓPEZ, L. C. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde.

**Interface - Comunicação Saúde Educação**, Botucatu, n.40, v.16, p.121-34, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v16n40/aop0412.pdf>.

Acesso em: 12 jul. 2022.

MACKEDANZ, Christian; FERREIRA, Elaine; SILVA, Gabriel; BENDER, Lincoln; AFONSO, Mariângela; RIGO, Luiz. O Negro no Futebol Brasileiro. **Licere - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 147-172, 30 jun. 2021. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.35699/2447-6218.2021.34897>.

MADUREIRA, Thiago. Mg Superesportes (ed.). **Protagonistas em campo, negros são relegados dos cargos de gestão de clubes da Série A.** 2019. Disponível em: [https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia\\_futebol\\_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/04/25/noticia_futebol_nacional,580597/protagonistas-em-campo-negros-sao-excluidos-dos-cargos-de-gestao.shtml). Acesso em: 17 jan. 2022.

MAMEDE, Rodrigo Neres da Silva. **Negro no Campo, Branco no Comando:** técnicos negros de futebol e questões raciais. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Étnico-Raciais, Cefet/RJ, Rio de Janeiro, 2018.

MARCUSSI, Alexandre Almeida. Estado de Minas (ed.). **A construção histórica do racismo no Brasil.** 2018. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/abolicao130anos/2018/05/11/noticia-abolicao130anos,957834/a-construcao-historica-do-racismo-no-brasil.shtml>. Acesso em: 30 jan. 2022.

MARTINS, José Eduardo. **Ex-zagueiro, Roque Júnior prefere ser gestor a técnico: "Posso ajudar mais"**. UOL. 2020. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/04/23/ex-zagueiro-roque-junior-prefere-ser-gestor-a-tecnico-posso-ajudar-mais.htm>.> Acesso em: 07 jun. 2022.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 13, n. 37, p. 179-188, dez. 1999. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141999000300009>.

**“Me desculpe, você é preto”:** técnicos reclamam de racismo. Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Disponível em:

<<https://observatorioracialfutebol.com.br/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-reclamam-de-racismo/>.> Acesso em: 15 jun. 2022.

MEDEIROS, L. F. M. de. **Abolição da escravidão e imigração estrangeira:** o processo e as consequências econômicas em São Paulo e no Rio De Janeiro (1850-1930). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Economia) - Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/9324/1/LFMMedeiros.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020

MENDES, Fábio. **Campeões da Raça: os heróis negros da copa de 1958**. São Paulo: Shuriken Produções, 2018. 272 p.

MILLS, John Robert. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor- identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NEVES, J. P. S; SILVA, M. A. M da. O mito da democracia racial: contexto histórico brasileiro e a construção do racismo no Brasil. **Revista Educar Mais**, n.2, v.3, p. 158-166, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.158-166.1467>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NOGUEIRA, Alberto. Folha de São Paulo (ed.). **Título de 1958 derrubou tese de preconceito racial na seleção brasileira**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/titulo-de-1958-derrubou-tese-de-preconceito-racial-na-selecao-brasileira.shtml>. Acesso em: 21 jun. 2022.

NORIEGA, Maurício. **Roque Júnior diz que negros norte-americanos têm mais bagagem histórica do que os brasileiros na luta contra o racismo**. Globo. 2020. Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/papo-cabeca-com-mauricio-noriega/post/2020/06/04/roque-junior-diz-que-negros-norte-americanos-sao-mais-preparados-do-que-brasileiros-na-luta-contra-o-racismo.ghtml>> Acesso em: 06 jun. 2022.

OBSERVATÓRIO RACIAL DO FUTEBOL (ed.). **Futebol sul-americano tem recorde de casos de racismo em 2022, aponta observatório**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/futebol-sul-americano-tem-recorde-de-casos-de-racismo-em-2022-aponta-observatorio/>. Acesso em: 23 jun. 2022.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas (SP): Pontes; 2007.

PAES, Gabriel. Medium (ed.). **Racismo no comando do futebol brasileiro**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/o-contra-ataque/racismo-no-comando-do-futebol-brasileiro-38bb574c2a68>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PAOLI, P. B.; SOARES, A. J. G. Identidades "Raciais" e Identidades Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do "Estilo Brasileiro de Jogar Futebol". **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 195-210, 2011

PASSOS, Paulo. **Roque Jr vê racismo com técnicos negros no Brasil e vai à Europa se qualificar**. UOL. 2013. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2013/05/10/roque-jr-ve-racismo-com-tecnicos-negros-no-brasil-e-vai-a-europa-se-qualificar.htm>.> Acesso em: 06 jun. 2022.

PEREIRA, Igor Moreira Dias. **RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: a ótica do jogador negro**. 2021. 172 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Puc-Sp, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/24505/1/Igor%20Moreira%20Dias%20Pereira.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PEREIRA, Lygia da Veiga. Uol (ed.). **"O Brasil é provavelmente o país com maior miscigenação do mundo"**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/01/01/o-brasil-e-provavelmente-o-pais-com-maior-miscigenacao-do-mundo.htm>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PIRES, Breiller. El País (ed.). **A barreira à ascensão dos dirigentes negros no alto escalão do futebol**. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159\\_844833.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/deportes/1570142159_844833.html). Acesso em: 15 jan. 2022.

PIRES, Breiller. Espn (ed.). **Negros são protagonistas em campo, mas minoria na gestão de clubes da Série A e B**. 2020. Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_id/7771363/negros-sao-protagonistas-em-campo-mas-minoria-na-gestao-de-clubes-da-serie-a-e-b](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/7771363/negros-sao-protagonistas-em-campo-mas-minoria-na-gestao-de-clubes-da-serie-a-e-b). Acesso em: 02 fev. 2022.

PIZARRO, Juliano Oliveira. A GLOBALIZAÇÃO E O FUTEBOL: O PROCESSO DA ACENTUAÇÃO DE DESIGUALDADE. **(SYN) THESIS**, v. 14, n. 1, p. 39-59, 2021.

PNAD. **Conheça o Brasil - População: cor ou raça. COR OU RAÇA.** 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 16 fev. 2022.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sursur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 10 jun. 2022.

RAEDERS, Georges. **O inimigo cordial do Brasil – o conde Gobineau no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 46.

RIBEIRO, Djamila. **Precisamos romper com os silêncios | Djamila Ribeiro | TEDxSaoPauloSalon.** São Paulo: Tedx Talks, 2017. P&B. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&list=PLdsMenwZ260Sww9J\\_XXdk4BR7hTUqetBN&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&list=PLdsMenwZ260Sww9J_XXdk4BR7hTUqetBN&index=1). Acesso em: 14 maio 2022.

SABINO, Alex; TRINDADE, Luciano. **Dirigentes brancos jamais vão se sensibilizar por situação que não sentiram, diz Grafite.** Folha de S. Paulo. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/04/dirigentes-brancos-jamais-va-o-se-sensibilizar-por-situacao-que-nao-sentiram-diz-grafite.shtml>.> Acesso em: 02 jun. 2022.

SANTOS, J. A. **Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol.** Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

SANTOS, J. R. D. **O que é racismo.** São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SANTOS, N.; CAPRARO, A.; LISE, R. **Racismo e a derrota que não foi esquecida:** uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca

da final da Copa do Mundo de 1950. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 191-208, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racista é o outro**. Tradução. O Estado de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 19 abr. 2005. 4. Acesso em: 23 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lillian Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SMITH, Earl; HATTERY, Angela. Race relations theories: implications for sport management. **Journal of Sport Management**, v. 25, n. 2, p. 107-117, 2011. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/jsm/25/2/article-p107.xml>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial**. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

SOUSA, Ricardo Alexandre S. de. **Agassiz e Gobineau – As ciências contra o Brasil mestiço**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências: História)– Casa de Oswaldo Cruz (COC – Fiocruz), Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, M. T. O. S. et al. Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 230-240, 2015.

SEABRA, Guto. **‘O futebol do Rio de Janeiro está morto’, diz Paulo César Caju, ídolo de Flu e Botafogo**. EXTRA. 2013. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/campeonato-carioca/o-futebol-do-rio-de-janeiro-esta-morto-diz-paulo-cesar-caju-idolo-de-flu-botafogo-8289272.html>.> Acesso em: 17 jun. 2022.

SILVA, Fábio Henrique Alves da; PAULA, Paula Ângela de Figueiredo e. Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro. **Psicologia:**

**Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 40, n. , 2020. FapUNIFESP (SciELO).  
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003230122>.

SITE CONFIÁVEL. **Como saber se um site é confiável?** 2021. Disponível em:  
<https://www.siteconfiavel.com.br/como-saber-se-um-site-e-confiavel/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SOLOW, Benjamin L.; SOLOW, John L.; WALKER, Todd B. Moving on up: The Rooney rule and minority hiring in the NFL. **Labour Economics**, v. 18, n. 3, p. 332-337, 2011. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/eee/labeco/v18y2011i3p332-337.html>. Acesso em: 10 jul. 2022

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

TOMAÉL et al. Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. **Revista Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.11, n.2, 2001. Disponível em: Acesso em: 28 jun. 2022.

TONINI, Marcel Diego. Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois treinadores. **Oralidades: Revista de História Oral**. São Paulo, n. 7, p. 125-146, 2010.

**Título de 1958 derrubou tese de preconceito racial na seleção brasileira.** Observatório da Discriminação Racial no Futebol. 2018. Disponível em:  
<<https://observatorioracialfutebol.com.br/titulo-de-1958-derrubou-tese-de-preconceito-racial-na-selecao-brasileira/>> Acesso em: 10 jun. 2022.

TRINDADE, Luciano. **Jogadores negros foram protagonistas nos 5 títulos mundiais da seleção.** UOL. 2021. Disponível em:  
<<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/11/jogadores-negros-foram-protagonistas-nos-5-titulos-mundiais-da-selecao.shtml>> Acesso em: 04 jun. 2022.

**The Rooney Rule encourages hiring best practices to foster and provide opportunity to diverse leadership throughout the NFL.** Football Operations.

Disponível em: <<https://operations.nfl.com/inside-football-ops/diversity-inclusion/the-rooney-rule/>> Acesso em: 11 jun. 2022.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL (org.). **O negro no futebol brasileiro e o racismo existente.** 2007. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2007/12/14/o-negro-no-futebol-brasileiro-e-o-racismo-existente/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder.** São Paulo: Contexto, 2012.

WISNICK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das letras, 2008.